

Universidade Estadual Paulista
"Júlio de Mesquita Filho"
Faculdade de Ciências e Letras
Campus de Araraquara

Claudia Megale Adametes

CATADORES (AS) DE LIXO EM TRAJETÓRIA: BUSCA DO LUGAR SOCIAL

Tese apresentada à Faculdade de Ciências e Letras,
Campus de Araraquara, para a obtenção do título de
Doutora em Sociologia.

Orientadora: Prof^a Dr^a Lucila Scavone

ESTE DOCUMENTO FOI OBTIDO ATRAVÉS DO

**PROGRAMA
DE COMUTAÇÃO
BIBLIOGRÁFICA**

CAPES/SESU/FINEP/IBICT

0300087613



ARARAQUARA

2006

DADOS CURRICULARES
CLAUDIA MEGALE ADAMETES

NASCIMENTO 8.11.1972 - São Paulo/SP

1990/1994 Curso de Graduação em Sociologia

Faculdade de Ciências e Letras/Campus Araraquara/UNESP

1996/1999 Curso de Pós Graduação em Sociologia, nível de Mestrado

Faculdade de Ciências e Letras/Campus Araraquara/UNESP

2001/2006 Curso de Pós Graduação em Sociologia, nível de Doutorado

Faculdade de Ciências e Letras/Campus Araraquara/UNESP

03-09/2005 Estágio Sanduíche

CES (Centro de Estudos Sociais)/FEUC (Faculdade de Economia)

Universidade de Coimbra, Portugal

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho, com todo o respeito. Respeito que devemos a estas pessoas a quem chamamos catadores (as) de lixo.

AGRADECIMENTOS

Início este espaço com gratidão à força geradora que a tudo rege, à qual também costumamos dar o nome de Natureza e, permanecendo nessa inspiração, estendo esse sentimento à minha mãe, Rosa Maria. Nesse mesmo plano, elevados os pensamentos, incluo aqui meus queridos professores no sempre da vida, Mestre Irineu e Padrinho Sebastião. Também aqui, bem ao lado, está meu irmão Henrique. E minhas irmãs e irmãos de caminhada Laura, Val, Alê e João. E toda a irmandade. Meu Padrinho Fábio e minha Madrinha Suzana. Meus amigos, todos, mas especialmente Carlinhos, Rosa, Miranda; Cris, Zé, Jean e Jacaira (que cuidaram de mim, com amor, em Portugal). Meus companheiros do cotidiano Zé Rodrigo e Rafael - ao Zé pela força nesse finalzinho.

Lucila, te agradeço o carinho, a amizade, a confiança, o aprendizado, a paciência, a energia e a firmeza - orientações dessa trajetória intelectual e pessoal. Obrigada pelos conselhos e ensinamentos, D. Lurdes, D. Divina e D. Maria! E grata pela confiança, pelo compartilhamento de tantas idéias, Lena. Agradeço, aqui, a todo (as) com os (as) catadores (as) com os (as) quais estive na Acácia e antes dela, por me abrirem seu universo e fornecerem o motivo e a lenha desse trabalho. Muito obrigada professora Vera Botta, por seu carinho, disponibilidade e generosidade, do início ao fim! E obrigada professor Luiz Felipe Silva, por instigar tão dinamicamente minhas reflexões nos últimos tempos. Professora Eliana Sousa Melo, agradeço, com carinho, sua simpatia e sintonia com minhas idéias e formas de expressão. Envio, daqui meu agradecimento ao professor Boaventura Sousa Santos, por me receber na Universidade de Coimbra com toda a atenção e respeito: obrigada pela oportunidade de realizar tantas trocas, pelas sugestões e orientações. E aproveito para agradecer a todos (as) os funcionários (as) do Centro de Estudos Sociais, ligado a esta instituição. Grata, meus amigos de Araraquara Luiz, Reginaldo e Meire que, em momentos tão diferentes, foram importantes à sua maneira e meus amigos e amigas de Coimbra. Agradeço cordialmente à CAPES, pelas condições objetivas de realização desta Tese e pela estrutura fornecida pela Faculdade de Ciências e Letras - às 'meninas' do Pólo Computacional, da Biblioteca e às Secretárias do Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Sou grata, por fim, a todos (as) os (as) funcionários da FCL/Campus de Araraquara.

RESUMO

Em março de 1994, cerca de 60 catadores (as) de lixo que trabalhavam e moravam há 20 anos no lixão do município de Araraquara, interior de São Paulo, foram afastados (as) do local por determinação do poder público. Na ausência de alternativas econômicas, o fato gerou uma série de resistências no decorrer destes anos, por parte destas pessoas que até recentemente ali retornaram em busca de sustento, desafiando a vigilância. O objetivo desta pesquisa é a compreensão desse processo a partir da reconstituição das trajetórias dessas (es) trabalhadoras (es) - em sua relação com as políticas públicas - desse momento aos dias atuais, quando está em curso uma iniciativa associativa. Na abordagem do cotidiano e na reconstituição das histórias de vida a partir do resgate das memórias, residem os fios condutores das nossas análises. A partir desta percepção, afirmamos a idéia de que no universo das estratégias de elaboração da vida nos tempos das globalizações, se potencializam energias para a produção de ações de contraponto às viciosas forças vigentes.

Palavras-chave: catadores de lixo, pobreza, associativismo, cotidiano.

ABSTRACT

On March of 1994, about 60 catcher's garbage that had worked and lived from 20 years in the landing of garbage in Araraquara city, São Paulo. They had been moved away from the place. The understanding of this process - in the horizon of the quarrels on exclusion-inclusion and social politics - and the trajectories of these people - the landing of garbage to one recent associative initiative. It's the objective of this research. Through the studies about daily and reconstitution of life histories, in the rescue of the memories, we find some points of our analyses and we believe that universe of strategies of elaboration's life, in a globalizations time, the alternative and energies are increased for the action production that are counterpoints to the vicious effective social forces.

Método para compreender as imagens, os símbolos.
Não tentar interpretá-las, mas olhá-las até que jorre a luz.

Simone Weil

Introdução

1. Nota sobre o caráter dinâmico do campo de pesquisa.....	28
--	----

Capítulo um

Contextos: compreender a questão

1. Movimentos: retorno aos fatos e experiências captadas.....	39
2. O lixão: sentidos de pertencimento.....	48
2.1. Comer lixo: um episódio e uma reflexão.....	57

Capítulo dois

Trajetórias: as mães de todos

1. Visibilidades reveladas em campo: primeiro momento da pesquisa.....	66
2. Vozes.....	71
2.1. D. Lurdes: o destino.....	74
2.2. D. Divina: a família.....	79
2.3. D. Maria: a união.....	94
2.4. Considerações.....	102

Capítulo três

Percurso da Pesquisa: um segundo momento

1. A Associação Acácia: uma breve descrição.....	106
1.1. A lógica do máximo reaproveitar.....	108
2. Lixão: resistências e pertencimento.....	110
2.2. Raízes.....	113
3. Novos contextos: de volta ao campo de pesquisa.....	118
3.1 Elementos complicadores: a esteira parada e a ‘nova associação’.....	124
3.2. Sandra: a liderança.....	127
3.3. Considerações.....	134

Capítulo quatro

A busca do lugar social

1. A partir de um protagonismo.....	137
1.1. Lena: a luta.....	140
2. Em meio a encruzilhadas e lugares institucionais: projeto de coleta seletiva.....	145
2.1. Meandros da implantação do projeto.....	152
2.2. Meandros da transição para o estatuto de cooperativa.....	155
2.3. Considerações.....	158

Capítulo cinco

Cenários de uma discussão ampliada

1. O fio da meada: a questão do lixo.....	160
2. Solidariedade em novas roupagens: a questão social do ponto de vista oficial.....	168
2.1. As falas que organizam o Programa Comunidade Solidária.....	170
3. Economia Solidária e espaços emancipatórios.....	175
3.1. Nota sobre o contexto regional: 1º Encontro de Catadores	178
3.2 Contraponto.....	180
4. O Movimento Nacional de Catadores (as): reivindicações inclusivas.....	181
4.1. Considerações.....	186

Considerações finais.....188

1. Um pequeno passo para prosseguir.....	190
--	-----

Nota metodológica.....191

Bibliografia..... 206

Anexos.....207

Introdução

A passagem para o lugar de pensar pede deslocamento: na sociedade de classes, para os que por nascimento caíram do lado dominante, a comunicação com cidadãos das classes populares pede muitos deslocamentos, pede várias vezes o deslocamento para bem longe de casa. Pede deslocamentos que dão em descolamento, descolamento de classe e culminam num outro ponto de vista: literalmente, culminam num outro ponto no mundo de onde nossa visão vai ver o que não via antes.

José Moura Gonçalves Filho

Este trabalho é resultado de uma pesquisa sobre trajetórias de catadores (as) de lixo na cidade de Araraquara, 190 mil habitantes, interior do Estado de São Paulo, elaborada nos últimos dez anos: classificadas e invisibilizadas sob mecanismos que produzem uma espécie de cegueira pública que *estigmatiza*¹, humilha e silencia, essas pessoas têm desenvolvido, num contra-fluxo, modos de sobrevivência e de busca de um lugar social numa resignificação das suas vivências, referências e ações. Nossas reflexões nesse sentido estão dispostas em dois momentos, compondo um ciclo de pesquisas sobre o tema: entre 1994 e 1999 entramos em contato com a temática e desenvolvemos a Dissertação de Mestrado *O olhar da inclusão: possibilidades de pesquisa de campo com catadores (as) de lixo*; de 2002 a 2006, realizamos esta Tese em desdobramento, retomada e avanço das questões apresentadas nos anos anteriores.

Neste trajeto, trazemos à tona o protagonismo destes sujeitos numa crítica a olhares e análises fundamentados exclusivamente no campo das referências estruturais que os lançam aos registros da pobreza, da precariedade do trabalho, da vida, à incivilidade, classificando-os como excluídos sociais. A ampla expressão *exclusão social* que, ao reunir sob uma etiqueta comum flagelos sociais² de naturezas diversas, torna-se imprecisa e generalizante, denuncia um movimento de negação como decisão histórica e cultural de criar interdições, revelando um sentido humano atado ao restringir potencialidades.

No âmbito da produção e do consumo, como determinação empírica presa à situação do 'não ter', a idéia da persistente pobreza brasileira abordada ao longo dos anos

¹ Na concepção de Goffman (1982), no quadro das categorias estabelecidas socialmente no qual o indivíduo é capaz de prever seu pertencimento e classificar o de outrem, definindo assim as identidades sociais, *estigma* é atributo que lança descrédito profundo, referente a um determinado estereótipo social.

² "(...) representações ou práticas coletivas que produzem o conflito, a desagregação, a morte social e biológica (ruptura do laço social); assim como os 'males sociais', espécie de doenças que gangrenam o tecido das relações sociais e envenenam as perspectivas de futuro (tensão do laço social)" (Xiberras, 1993, p.23)

como “*espelho invertido de uma modernidade pretendida como projeto*” se fecha à reflexão crítica e escapa: “*Nesse registro, a pobreza é transformada em natureza, resíduo que escapou à potência civilizadora da modernização e que ainda tem que ser capturado e transformado pelo progresso*”. (Telles, 2001, p.20) Neste processo, despojadas da dimensão ética, as figuras da pobreza denunciam um padrão de sociabilidade no qual institui-se a contraposição entre o excluído e o sujeito de direito. Neste movimento, a cidadania negada constrói uma identidade experimentada *em negativo*.

Ao considerarmos que a História se inscreve no cruzamento das ações dos sujeitos com as estruturas, lugar das existências individuais e coletivas, a pobreza como fator de exclusão é percebida como vivência que produz *modos de vida*³ e *experiências* a perpassarem as esferas sociais nas relações dos indivíduos em seus espaços. A fim de captar essas experiências nos concentramos, no decorrer deste trabalho, nas discussões metodológicas, epistemológicas e nas ações práticas que envolvem a abordagem e o *artesanato intelectual* (Mills, 1982), o fazer minucioso do objeto de pesquisa nas Ciências Sociais e afirmamos uma reorientação do teor do olhar e do lugar enquanto pesquisadores (as), na ultrapassagem de uma racionalidade que se quer a única, dominante, globalizante modo de ver as coisas.

Essa manobra de reorientação se fundamenta no exercício do aprofundamento da relação pesquisador (a)-pesquisado (a) possibilitado, por sua vez, pela abordagem da realidade social enquanto “vida social”, centrando o trabalho sociológico na análise das estratégias dos atores, na identificação dos fenômenos e das relações sociais:

Em lugar de descrever os mecanismos de um sistema social, da sua integração e da sua desintegração, da sua estabilidade ou mudança, os sociólogos devem voltar o estudo das respostas sociais à análise dos mecanismos de autoprodução da vida social. (Touraine, 1984, p.31)

³ Aqui a temática dos *modos de vida* significa não uma extensão dos estudos sobre “condições de vida” ou “estratégias de sobrevivência” próximas às reflexões sócio-econômicas e sócio-políticas nas quais as práticas sociais figuram frequentemente como efeitos condicionados das estruturas, “(...) *mas contém uma preocupação principal de ruptura da dicotomia entre condições e práticas subjetivas, pensadas sob a ótica da relação causa/efeito* (...)”. (Lobo, 1992, p.09)

Reconhecendo as ações dos atores em questão, suas experiências e compreendendo seus modos de vida, ao reinseri-los nas tramas das relações sociais, iluminam-se compreensões que apontam, no campo das políticas públicas, para possibilidades de criação de projetos de intervenção social pautados em seu protagonismo. Ao focalizarmos os movimentos de inserção⁴ preconizados pelos (as) catadores (as) em diversos momentos de sua trajetória, revelam-se vozes que descrevem visibilidades e a afirmação de um lugar social tecida todo o tempo: “*A gente é trabalhador!*” (‘Voz coletiva’ captada em muitas falas desta pesquisa, que soa como “*A gente é gente!*”).

É fundamental, neste ponto, demarcar o caráter violentamente degradante atribuído socialmente a catadores (as) de *lixo* a gerar exploração, humilhação e sofrimento prolongados e incorporados, a solapar sua humanidade, lançando-os à categoria de bichos, ao nível da irracionalidade. Não falamos aqui de qualquer bicho: nos referimos a abutres, urubus à cata de carniça, porcos a chafurdar no resto - expressões recorrentes para designar catadores (as)⁵. Nesse sentido, a marca principal deste trabalho, unida às suas vozes, é a busca de seu estatuto de humanidade sem o qual nenhuma análise, proposta alguma, é possível. Buscamos a compreensão dos sujeitos submersos em significações sociais estigmatizantes elaboradas por concepções estáticas das desigualdades sociais presas a uma *razão de caráter indolente* (Santos, 2002c), fundamentada por uma racionalidade dominante, centralizada, linear, que restringe as chances de enxergar dos pontos de vista das experiências sociais:

Para combater o desperdício da experiência social (...) é necessário propor um modelo diferente de racionalidade que expanda e focalize o presente a fim de criar o espaço-tempo necessário para conhecer e valorizar a inesgotável experiência social que está em curso no mundo de hoje. (p. 736)

⁴ Exclusão e inserção são “*conceitos com valor relativo que dependem do espaço ao qual fazem referência implícita (...) [como] relações econômicas, instâncias sociais, laços simbólicos ou lugares geográficos*” (Xiberras, 1993, p.26) Neste estudo, consideramos movimentos de inserção as ações dos sujeitos nos sentidos da luta por reconhecimento no contraponto a referências sociais produzidas negativamente.

⁵ A expressão *abutre* em referência a catadores (as) é recorrente e foi utilizada pelos meios de comunicação locais: “(...) se confundem com os próprios abutres em baixo dos caminhões de lixo”. (Jornal *O Imparcial*, 1992) Na contrapartida, na afirmação de seu lugar, há o rebate “*A gente não é abutre não, a gente trabalha aqui no lixão*”. (Ondina, 32 anos, ex-catadora do lixão de Araraquara, 1994. Ênfase realizada na fala)

Ao realizar uma reflexão teórica e epistemológica nesse sentido, pudemos detectar as invisibilidades produzidas por uma razão totalizante e trazer à tona as experiências dos sujeitos, num exercício sociológico das *ausências*, ao abordar a pobreza como vivência no tempo presente na contrapartida da idéia de algo que o progresso inscrito no futuro resolverá. Ao trazer à tona as vozes, ao reconhecer e compreender seus tons - *traduzir* -, os pontos de vista, as lógicas e as reais demandas dos (as) catadores (as) para além de sua condição de exclusão, podemos apontar visibilidades e, só a partir deste ponto, potencialidades para a mudança e superação de sua malfadada condição, rumo à idéia de *emergência social*. (Santos, 2002c)

Através do trabalho de campo fundamentado em observação participante (Thiollent, 1988) e em relatos orais obtidos de entrevistas realizadas em profundidade, captamos as vivências desdobradas em *cotidiano* compreendido não somente como lugar da reprodução ‘dura’ da vida em suas formas de organização social, mas como espaço de “encantamentos e utopias”, das contradições que alavancam a criação e o anúncio do possível. (Martins, 1998). Neste sentido, o foco deste trabalho está muitas vezes mais nos sujeitos do que nos processos, na caminhada mais do que na estrada, nos pés do que no chão.

Foi deste lugar, portanto, que pudemos captar as experiências de catadores (as) de lixo que moraram e trabalharam por longo tempo no lixão⁶ do município referido mediante os impactos de uma intervenção pública - orientada por denúncias descritas adiante - realizada entre 1994 e 1995 que implicou em sua pouco planejada remoção do local⁷, que foi cercado e colocado sob reforçada vigilância. Despojadas de sua via de sustento e afastadas de seu lugar de moradia (foram estes seus sentimentos) essas pessoas,

⁶ Designam-se *lixões*, vazadouros a céu aberto, comportando uma simples descarga dos resíduos sobre o solo, não incluindo nenhum controle sobre o tipo de material recebido, nem observando nenhuma medida de proteção ao meio ambiente ou à saúde pública. (CEMPRE, 2000) Em Araraquara, por passar por uma reestruturação iniciada em 2003, o local está atualmente classificado pela CETESB como *aterro controlado*, como veremos adiante. Nesse sentido, no decorrer do texto, utilizamos tanto as expressões *lixão* ou *depósito de lixo*, como a expressão *aterro*.

⁷ A remoção (também utilizamos no decorrer do trabalho a expressão *despejo*, mais referida pelos/as catadores/as) acontece em caráter de ‘negociação’: os (as) trabalhadores (as) foram notificados (as) da ação, realizaram-se conversas, mas não havia, de ambas as partes, uma consciência da dimensão da questão.

identificadas numa referência à fonte de seu próprio sustento, o lixo⁸, passam a contar com auxílios solidários emergenciais que deixam em suspenso uma situação que se prolonga, vazia de perspectivas e insustentável, por cerca de três anos:

A cidade se exime da responsabilidade sobre o que remete ao depósito [referência ao então lixão da cidade de Salvador, Bahia, atualmente classificado como aterro controlado] e atribui aos que ali trabalham um significado que não decorre apenas do lixo como tal, mas da relação com o objeto descartado. (Moura; Gonçalves, 1989, p.18)

Reconstituir tais fatos e perceber as implicações das políticas públicas e das redes de auxílio direcionadas a estes (as) trabalhadores (as) no momento, dos seus e dos pontos de vista dos outros atores envolvidos no processo ou, em outras palavras, “compreender relacionalmente os processos” (Bourdieu, 2000), compôs nosso objetivo na elaboração da Dissertação de Mestrado, desencadeada a partir da questão inicial: *Quem são estas pessoas que vão ao lixo em busca de sustento?*

Nosso intuito com esta indagação que, em seus desdobramentos, perpassa toda a elaboração desta Tese, tem sido o de conhecer os sujeitos invisibilizados pelos estigmas do pobre coitado, marginal, vagabundo e captar, nas suas ações e em suas concepções de si, a partir da construção de sua “história social” (Bourdieu, 1996), brechas para a elaboração de caminhos na superação das situações de precariedade e fragilidade paralisantes alimentadas pelas abordagens e intervenções políticas de caráter assistencialista que, ao desvalorizar a organização e os significados das vidas das pessoas, reafirmam os processos excludentes e bloqueiam possibilidades. A prática da assistência no Brasil encontra espaço na incivilidade das relações sociais ancorada em um modelo de cidadania definida nos termos da proteção do Estado, o lugar dos não-direitos, “(...) onde a pobreza vira carência, a justiça vira caridade e os direitos viram ajuda”; cria-se, assim, a figura do necessitado sob o estigma da carência. (Telles, 2001)

⁸ *Lixo*: Coisa ordinária, malfeita, feia; pessoa sem qualquer dote moral, físico ou intelectual; A camada mais baixa da sociedade; escória, ralé. (Dicionário Houaiss)

Neste primeiro momento de pesquisa, entre 1994 e 1999, ouvindo e sobrepondo as vozes que denominamos *pontos de vista: na pele* (falas dos/as catadores/as) e *olhares estrangeiros* (outras falas: poder público⁹ e redes de auxílio ligadas à benemerência), apreendemos positivities inscritas no reconhecimento de seus modos de vida nas instâncias familiar e simbólica e *resistências* dos (as) trabalhadores (as) no sentido de afirmação dos seus lugares sociais a partir da defesa da *catação* - atividade precária, árdua, de recolha e separação de material reaproveitável em meio ao lixo bruto - como *trabalho*, no contraponto das idéias então lhes atribuídas socialmente de desorientação e vagabundagem (Adametes, 1999). Aqui cabe a ressalva de considerarmos firmemente que catar lixo bruto em meio a montanhas de sacolas plásticas e abri-las uma a uma à busca do reaproveitável jamais pode ser considerado fator de positividade de nada ou algo reconhecido como *digno*, mas o fato é que, para os (as) catadores (as), numa inversão, representa atividade assumida como trabalho a atribuir estatuto - mesmo que às avessas - de *gente*, na contracorrente (imprescindível de ser demarcada) de percepções dissimuladamente agressivas embaladas pela compaixão:

(...) eles não são umas pessoas orientadas, uma judiação... Eles vivem que nem bicho, você está entendendo? Eles têm preguiça de lavar banheiro... Tem dez mulheres pra lavar um banheiro, uma briga com a outra: hoje é você, ontem eu lavei. Eles são criados assim, sem identidade mesmo, então é preciso alguém fazer alguma coisa. (Eunides, com gravador, março, 1995)¹⁰

⁹ Referência aos agentes ligados diretamente à Prefeitura Municipal.

¹⁰ 'Dona' Eunides, 52 anos, atuava então como Presidente da Associação de Bairro do Santana e junto à Pastoral Social (entidade assistencial ligada à Igreja Católica), fazendo parte da rede de assistência criada na época para assessorar os (as) catadores (as) que, despejados do lixão, foram alojados (as) emergencialmente em uma creche desativada no referido bairro.

Como se trata de um ciclo de pesquisas, utilizamos trechos de entrevistas referentes ao Mestrado (1994-1999) e Doutorado (2002-2006). Os nomes citados (da maneira como estiveram referidos nas conversas e entrevistas) e a forma original das falas foram mantidos com autorização dos (as) entrevistados (as). A intervenções no tratamento das falas foram mínimas, restritas aos excessos e aos arranjos das concordâncias verbais e nominais para garantir legibilidade e compreensão; algumas palavras como "num" em lugar do "não" foram substituídas.

Pelas mãos da pesquisa de campo e na busca da percepção da ‘humanidade solapada’ daqueles catadores (as), entramos no universo das trajetórias de trabalhadores (as) de uma vida toda de atividades braçais, vetado o acesso à formação escolar mínima: uma primeira geração de ex-trabalhadores (as) rurais (pessoas hoje entre 60 e 70 anos de idade que, a partir de determinado momento, criaram seus filhos e estes, seus netos, com a renda adquirida da catação de lixo) nascidos (as) nas fazendas da região, em sua grande maioria mulheres chefes de família, lançados (as) às margens do mercado formal nos últimos vinte anos pelos processos de precarização e mecanização do trabalho no campo. Pessoas ao invés de “abutres” que, paralelamente a outras tantas atividades de caráter temporário, pouco especializado e precário, chegaram à catação no lixão que se transforma lamentavelmente em uma via de sustento da família e última, sobranje alternativa econômica no planejamento da vida.

Através da compreensão da produção das estruturas simbólicas (Bourdieu, 2001), da revalorização da experiência reivindicada e nos protestos “contra o empobrecimento da vida” (Benjamin, 1983) e a “opacidade do pensamento” (Thompson, 1978), ultrapassamos o senso comum e aprendemos outro olhar capaz de perceber a unidade da equação pobreza-cidadania na trama das relações sociais, deslocando a pobreza da esfera estrutural onde figura como resíduo de atraso, “avesso de um país que se quer moderno”:

Colocada fora da trama das relações sociais e esvaziada de sentido moral, a pobreza escapa ao espaço da ação política, sendo relegada ao universo assistencialista da caridade - que protege os que estão fora da cidadania, mas cidadania de fato não lhes confere. (...) De indício de um atraso a ser superado, algum dia, pelas forças do progresso, a pobreza passa a ser uma cifra de nossa própria modernidade, incompleta, defeituosa e, mais recentemente, atrelada às transformações violentas da globalização. (Telles, 2001, p. 33)

Nesse deslocamento, recuperamos a dimensão ética da questão ao apresentarmos os (as) catadores (as) como autores de suas vidas e planejadores de seus destinos e afirmamos que, ao efetuarmos a transição da questão da pobreza do campo da natureza (pobreza como vício de caráter, falta de vontade) para o campo da cultura (experiência da pobreza) compreendemos os movimentos de elaboração das identidades realizados e

percebidos nos lugares simbólicos da vida social e reconhecemos a *pessoa* com direito de ser sujeito. Nesta passagem, residem os espaços para a realização da cidadania: é no reconhecimento do outro como *sujeito* que estão as possibilidades de “enraizamento da cidadania nas práticas sociais” e da construção de uma sociabilidade fundada na equidade e na justiça. (Telles, 2001)

Possibilitados pelo exercício deste posicionamento metodológico orientado por um direcionamento teórico-epistemológico que possibilita, por sua vez, a reorientação do olhar científico para os *fazeres* dos sujeitos (no sentido das práticas cotidianas simultaneamente objetivas e simbólicas), os resultados obtidos na pesquisa de Mestrado apontaram para um repensar da temática dos (as) catadores (as) no sentido do reconhecimento de suas práticas, capacidades e expectativas. Desta forma, a dinâmica da pesquisa de campo indicou visibilidades ao revelar pessoas com sonhos, planos, expectativas, habilidades profissionais, em situação de sofrimento, humilhação, revolta e resistência, de inconformismo diante de um contexto - estrutural - de precariedade e tensão extremas de vida *acentuadas* pelo processo de despejo do lixão.

•

De volta aos fatos, entre 1994 e 1997, foi se constituindo, diante da remoção, um cenário cada vez mais carregado de conflitos e disputas: diante do vazio criado por ações emergenciais de assistência que com o tempo foram perdendo força - pois esvaziadas de sentido para além da palição - e da falta de outra perspectiva, os (as) catadores (as) prosseguiram a catação no lixão (na continuidade da vida) em situação clandestina, sujeitos à violência e desrespeito por parte dos vigias do local, gerenciado na época por uma empresa terceirizada de limpeza pública, a *Construfert*.

Em meio ao agravamento deste cenário da pobreza exposta, denunciada em seus ecos como questão social iniciam-se, em 1998, articulações políticas para a constituição de uma *cooperativa de trabalhadores (as) com materiais reaproveitáveis* a ser formada pelos (as) catadores (as) de lixo em questão. Esta idéia está direcionada, portanto, no sentido da proposta de viabilização de sua sobrevivência nos termos da construção de um espaço formal para o trabalho de catação de lixo que, de qualquer maneira e como veremos adiante, não deixa de ser explorado economicamente pelos ‘empresários do lixo’ (Magera, 2005) e precário em sua execução.

Neste ponto, é central demarcar que as pressões decorrentes das resistências dos (as) trabalhadores (as), caracterizadas como uma reação imediata à desarticulação ocasionada pelo despejo, geraram uma demanda que foi, por sua vez, assumida como ‘bandeira’ em um campo de disputa político-partidária local. A iniciativa foi assim abraçada, segundo interesses diferentes, por alguns articuladores do poder público (todos ligados ao PT - Partido dos Trabalhadores), principalmente pelos então vereadores Edinho (atual Prefeito, em seu segundo mandato) e Vera (atual Coordenadora municipal do Meio Ambiente, vereadora na época) e pôde contar com o apoio do então Presidente do Sindicato dos Trabalhadores Têxteis, Nascimento (atual vereador) e com o protagonismo da catadora Lena, cuja intensa colaboração garantiu a reunião de outros (as) catadores (as) em torno da idéia de organização¹¹:

Agora é que você tem todas as condições de formação de cooperativa em função da miserabilidade dos catadores, eles chegaram ao limite, porque como a Construfert não deixa mais entrar no lixão, eles não têm outra forma de sobrevivência. Eles estão enfrentando pressão física (...). Enquanto eles tinham uma forma de buscar a sobrevivência, eles não se auto-organizaram, e agora eles estão procurando a auto-organização. E esse é um dos fatores que eu acho que pode fortalecer a organização. (Edinho, com gravador, fevereiro, 1999)

As primeiras dificuldades que surgem diante do processo de formação associativa dizem respeito justamente à falta de experiência dos (as) trabalhadores (as) no sentido de, organização coletiva - fatores alimentados por décadas de descaso e assistencialismo, agravados pela fragmentação gerada pelo despejo - e à sua conseqüente insistência em prosseguir com os modos de vida no universo do trabalho realizado no lixão. Tais circunstâncias sinalizam, naquele momento, a necessidade de um compromisso focado em longo prazo para a efetuação do projeto que, na cadência da urgência política, acontece pautado em idéias e protagonismos externos mais do que em vontades e iniciativas dos próprios (as) trabalhadores (as), movidos pelo impulso da sobrevivência mais do que por uma imaginada idéia de ‘auto-organização espontânea’:

¹¹ Este processo está pormenorizado em Adametes (1999).

Nesse período, o movimento de organização foi mais difícil ainda, me lembro que a Lena tinha que, ela teve momentos de achar que não valia mais a pena porque eram poucos [catadores/as interessados em se reunir], mesmo porque havia problemas entre eles, a gente não pode dizer que eles eram uma comunidade unida, que havia um “nós”, nada disso, agora, havia sujeitos que tinham histórias diferentes, que às vezes nem entendiam a idéia do que seria uma cooperativa, mas que estavam sendo impedidos de minimamente escolher que estratégia de sobrevivência tentar [refere-se ao cerceamento do lixão] (...). (Vera, com gravador, fevereiro de 1999)

Naquele contexto, o poder público assume o confuso papel de promotor de direitos e doador compadecido das condições estruturais e logísticas do processo e Lena acaba, nessa esteira e no intuito da luta, por centralizar as ações e decisões, no contrário da racionalidade que compõe, ou deveria compor, as práticas associativas e cooperativas pautadas no voluntarismo e na horizontalização das relações. Às pessoas agregadas ‘no laço’, apesar da potencialidade de coesão por identificação de trajetória, não esteve disposta em momento algum uma proposta direcionada e comprometida de *formação de grupo* - um trabalho no sentido de atenção às suas vivências e demandas reais como saúde, educação, acesso ao conhecimento, ao esclarecimento para uma discussão conjunta sobre o que fazer e introdução às idéias e práticas associativistas -, o que demarcaria um projeto político comprometido com algum nível de mudança social:

O pessoal aqui eu tô trazendo pras reuniões no laço, vou na casa buscar, a gente combina que é dia tal, chega o dia tal e o povo desconversa: “era hoje?” Isso pra fazer reunião lá mesmo, no bairro, que pra sair de lá então, quem sai pra ir lá na cidade? Então essa é a dificuldade maior que eu vejo e que existe mesmo, tem pouca gente que foi nessas duas reuniões que teve com o Edinho. (Lena, caderno de campo, outubro, 1998)

Caracteriza-se, assim, uma dificultosa reunião de diversas pessoas em condições de precariedade e risco em torno de um projeto estrangeiro, porque pouco compartilhado entre os (as) catadores (as) que, apesar de marcar melhorias e avanços, perpetuará mecanismos de dependência. Esta situação gera inúmeros desafios que exigirão destes sujeitos, no decorrer do processo associativo, um complexo exercício cotidiano de adaptação e aprendizagem para o enfrentamento de uma nova realidade pouco reconhecida e pouco incorporada como ‘melhor’ pelos (as) trabalhadores (as). Este teor de verticalização e personalização das relações diante de um quadro descrito pelos interesses de uma decisão política e pela insustentabilidade da situação demarca lugares sociais ocupados pelos diversos atores, que atualmente passam por uma desconstrução a gerar, na prática, novos embates e desafios e, no espaço desta Tese, nos impõe diversas reflexões.

A partir de 2000, a prefeitura de Araraquara é assumida por Edinho que, diante das articulações no sentido de agregar esforços e do contexto descrito, havia lançado em campanha eleitoral o compromisso político da efetivação da cooperativa. Na esteira dos insurgentes cenários políticos nacional e local traçados em redefinidas diretrizes que propõe novos direcionamentos a conduzir a questão pobreza-cidadania, inicia-se o exercício, no município, de outros discursos a balizarem propostas para as abordagens políticas da pobreza e das exclusões geradas nesse registro. Despontam localmente a partir daí, dentre outros, espaços de ação voltados à problemática do lixo numa perspectiva aparentemente diferenciada em relação tanto aos (às) catadores (as), como ao meio ambiente.

A tradição da política local marcada pela assistência, orientada pelo sentimento de compaixão, circunscrita à instância do imediato sob a qual esteve condicionada a presente questão por extensos anos¹², pretende ceder lugar à elaboração de alternativas sintonizadas com as idéias projetadas pelo discurso - realizado ambigualmente em diversos momentos - da *Economia Solidária* cujos princípios pretendem, em sua efetivação, reconduzir os sujeitos ao centro dos processos de sua própria ação no sentido da mudança da racionalidade competitiva à prática da solidariedade, rumo a uma ‘vida melhor’:

¹² As informações captadas indicam que os (as) primeiros (as) moradores (as) chegaram ao lixão em 1980 e que as ações do poder público em relação ao fato alternaram, no decorrer do tempo, uma insustentável e ‘explosiva’ combinação de assistência intermitente e repressão circunstancial.

A economia solidária é ou poderá ser *mais do que mera resposta* à incapacidade do capitalismo de integrar em sua economia todos os membros da sociedade desejosos e necessitados de trabalhar. Ela poderá ser o que em seus primórdios foi concebida para ser: *uma alternativa superior ao capitalismo*. (...) A economia solidária foi concebida para ser uma alternativa superior por proporcionar às pessoas que a adotam, enquanto produtoras, poupadoras, consumidoras, etc., *uma vida melhor*. (Singer, 2002, p. 114. Grifos do autor)

A viabilidade e o incentivo políticos à concretização da idéia da cooperativa de catadores (as) nesse registro intensificam-se paralelamente à referida abordagem do lixo em termos mais amplos exigida no atual contexto global de profundas transformações tecnológicas produtivas em suas dimensões culturais e políticas a gerar limites ecológicos, de desigualdade e de pobreza. A problemática local, até então anunciada pelo viés da precariedade do trabalho dos (as) catadores (as) considerados miseráveis passíveis de ajuda passa, portanto, a ser tratada discursivamente e através de insurgentes iniciativas práticas, do ponto de vista do trabalho e das inserções econômica e social de um contingente populacional cada vez mais empobrecido, atrelada à preocupação com princípios ecológicos e sustentáveis necessários à sobrevivência humana no planeta que chega aceleradamente ao seu limite face à exploração despojada de qualquer senso de equilíbrio que caracteriza o capitalismo.

Consideramos, no entanto, como essa transição política se situa: se estão impressas, nesse movimento descrito, características que indiquem desejo e efetivação da mudança social inscrita na incorporação e aprendizado de um outro posicionamento moral por parte do poder público e de uma outra forma de estar nos processos por parte dos (as) trabalhadores (as) em termos de mudança do olhar de fato, ou simplesmente há uma nova roupagem das mesmas formas de ver enquadradas a partir de idéias como o *ecocapitalismo*, que buscam atenuar, num jogo ideológico, movimentos que têm perpetuado ritmos de produção predatória crescentes de lixo persistente ao meio ambiente, cujo tratamento 'racional' é legado em caráter precário a trabalhadores (as) empobrecidos aos quais o consumo é vetado. (Magera, 2005):

Espera-se que a banalidade do mal (degradação irracional do planeta) não se sobreponha à razão da consciência humana, que as cooperativas de reciclagem do lixo não sejam usadas como uma panacéia e seus integrantes não continuem sendo usados como “vassallos da modernidade” ecologicamente corretos (...). (p.21)

As questões em torno das quais esta Tese é elaborada se situam, assim, neste espaço entre as experiências reveladas em pesquisa de campo pelos (as) catadores (as), de afirmação de sua identidade de trabalhador (a) pelo viés da defesa da atividade da catação como ofício no contraponto da vagabundagem e da marginalidade e os caminhos que começam a ser trilhados no horizonte das ‘novas’ propostas políticas na direção da superação de situações de exclusão social unidas às insurgentes demandas ecológicas.

Consolidada formalmente em novembro de 2002, a **Associação Acácia de Trabalhadores com Materiais Reaproveitáveis** (que consiste em uma usina de *triagem de material em meio ao lixo bruto*, composta inicialmente por 53¹³ pessoas, das quais 45 foram despejadas em 1994, estruturada em um dos espaços pertencentes ao terreno que constitui o lixão), figura como vitória política rumo à realização de um projeto de caráter inclusivo que, de acordo com as falas do poder público, pretende a transformação efetiva da abordagem do lixo e dos modos de vida dos (as) catadores (as):

Pelo que eu acompanhei na época, a idéia era uma cooperativa, mas era mais simples criar uma associação, que depois poderia se tornar uma cooperativa, foi feito assim. A situação era de urgência e havia os meios de formalizar a Acácia como Associação, havia finalmente o espaço político, meios materiais, era o momento de tratar com os catadores em termos mais avançados. (Nascimento, gravador, aniversário da Acácia, novembro, 2004)

Lena (que passa a ser responsável pela presidência da Associação) ressalta, no entanto, o caráter de luta que o processo de consolidação da Acácia carrega, nos

¹³ O número de associados (as) oscila com frequência, num fluxo constante de entradas, saídas e retornos preconizado pelos (as) trabalhadores (as), dado indicativo de questões discutidas no decorrer deste texto.

esclarecendo sobre o lugar ocupado pelos diversos atores ao se constituir em meio a um campo político de interesses e disputas que acabam por dissolver responsabilidades, compondo um projeto realizado com base em parcerias e arranjos vários, não assumido inteiramente como projeto político, cobrado pelos (as) catadores (as) mais como compromisso, obrigação da 'Prefeitura' em relação à garantia das sobrevivências do que percebido como instrumento de mudança:

A Associação saiu porque teve muita insistência, muita luta, não foi presente da Prefeitura. Teve muita articulação e o Edinho assumiu também isso como bandeira de campanha, então a vitória deles é, pra gente, uma conquista de uma coisa que era, vamos dizer assim, uma obrigação aí do pessoal [da Prefeitura], porque todo mundo ficou na rua da amargura [por ocasião do despejo], sem ter como trabalhar. Mas se não tivesse muito tranco e barranco e o interesse político de algumas pessoas, a Acácia não tinha saído. Até hoje muita gente vem aqui e bota a mão e a gente vai passando de coordenadoria em coordenadoria. Cada pedaço daqui é obra de um: o Daae¹⁴ com a estrutura, o terreno é da Prefeitura e o trabalho é nosso, então ninguém assume totalmente. (Com gravador, fevereiro, 2005)

No sentido de garantir uma alternativa de trabalho pautado nos princípios ecológicos da reciclagem, demanda alavancada pela necessidade de encerrar a prática ilegal, corrente até abril de 2005¹⁵, da catação no referido aterro, a Associação representa meio e lugar da dinâmica destas mudanças, catalisando uma série de disputas, expectativas e sentimentos vivenciados de formas diversas entre os (as) associados (as) e o poder público, ao mesmo tempo em que traz desafios e novos elementos críticos a respeito das idéias de inclusão econômica e social, pobreza, cidadania, sustentabilidade. Nessa perspectiva, o lixão se dispõe como problemática mais complexa imposta por um mesmo processo produtivo que anuncia, numa ponta, a crescente pobreza que conduz imensos

¹⁴ Departamento Autônomo de Água e Esgotos do Município em regime de autarquia, atual órgão gestor do aterro e responsável pela estrutura física da Acácia.

¹⁵ Questão desenvolvida adiante.

contingentes de trabalhadores (as) à precariedade e à exploração das atividades informais de trabalho, enquanto traz à tona a ineficiência com a qual nossa sociedade lida com a produção e a destinação do volume crescente do lixo - questão que, por sua vez, nos abre à reflexão a respeito dos atuais padrões de produção e consumo, apenas pontuados aqui.

No início de 2002, retomamos neste ponto a pesquisa e iniciamos esta Tese de Doutorado com o objetivo de descrever e compreender a dinâmica da Associação Acácia em relação tanto à organização do trabalho e aos modos de vida a partir daí instituídos, como dos seus significados para os (as) trabalhadores (as) e de analisar sua relação com o poder público, intensificada recentemente pelo estabelecimento de parceria em um projeto de coleta seletiva no município. Procuramos, nesse sentido, captar *os significados, para os (as) catadores (as), da transição de uma condição de 'excluído (a) para a de associado(a)' - na avaliação da potencialidade emancipatória desta transição - e os movimentos do poder público em relação a essa questão.*

Proseguimos, portanto, com a narração dos fatos tendo em conta os diferentes olhares para revelar os movimentos inscritos entre *a tutela*, enquanto os (as) catadores (as) estão sem perspectivas, insistindo na catação no lixão vigiado, submetidos às ações assistencialistas e *a pretendida autonomia*, quando passam a construir e fazer parte de um movimento de 'inserção social via associativismo' no qual, por princípio, lhes cabe ocupar o espaço de sujeitos do processo. Em outras palavras, consideramos se *está em curso a construção de uma autonomia por parte dos (as) catadores (as).*

As observações e os relatos obtidos dos (as) trabalhadores (as) no percurso da pesquisa orientados por esta questão indicam inicialmente, como um fio da meada, problema de pesquisa a ser compreendido, as *resistências* que todos (as) venciam e atestam como sentimento coletivo em relação ao despejo e, mais tarde, ao processo associativo. Muito ligadas a referências anteriores de trabalho e aos modos de vida forjados no lixão e ao universo a partir daí constituído no que diz respeito à organização do trabalho, às suas práticas assim estruturadas numa relação estabelecida por extenso período com o desinteresse por parte dos órgãos públicos recompensado sob a forma das políticas assistenciais compensatórias, estas pessoas avaliam e refletem constantemente sobre o que podemos denominar de mudança de situação em curso.

Nesse sentido, a resistência é a marca mais forte dos discursos e das práticas *dos (as) catadores (as) em geral* e se caracteriza como sentimento que atravessa os anos, dos períodos de catação no lixão, passando pelo despejo em 1994, à formação associativa - até os dias atuais. A intensidade com a qual essas práticas ocorrem tem variado de acordo com os contextos, mas como *sentimento* elas caracterizam uma essência das falas captadas nestes anos de pesquisa por figurarem fundamentais nesse constituir, nas memórias destes sujeitos em seu processo de significação de si. Percebemos nas narrativas destes trabalhadores uma oscilação em relação à força desse movimento, que acompanha suas fases de vida e as diferentes etapas de desenvolvimento pelas quais, em processo dinâmico feito de avanços e retrocessos, a Acácia passa em sua elaboração.

Nos momentos em que é possível garantir boas condições de trabalho e um rendimento maior em comparação aos ‘tempos do lixão’, os (as) associados (as) assumem uma postura de maior identificação com a Acácia. No entanto, quando surgem desafios ou dificuldades inerentes ao seu processo específico de formação enquanto iniciativa associativa em meio às difusas relações políticas, percebemos o retorno da intensidade de algo caracterizado como *saudades* de uma época na qual ‘tudo era melhor’ porque havia mais *liberdade*¹⁶, identificação e sentido de pertencimento, fatores amalgamados no decorrer de quinze, vinte anos de catação no depósito:

Liberdade de ser catador de lixo! De andar do jeito que quer e não dar satisfação pra outros. De viver em paz sem ninguém atrapalhar! Lá [aponta na direção do lixão] a gente é o que é, todo mundo sabe, não tem que fazer figura, a gente pode ficar à vontade, que lá é tudo igual, todo mundo igual.

(Resposta de D. Maria, 63, à pergunta “Qual liberdade a senhora fala que tinha no lixão?”, caderno de campo, em sua casa, maio, 2004)

¹⁶ No espaço da rua e em vidas fundamentadas na precariedade - anunciada de várias formas - da ausência dos laços sociais formais, espaços nos quais já se perdeu muito e o que vier é um acréscimo, no imediato da sobrevivência diária que não exclui a capacidade e o exercício do sonho e da projeção do futuro, a liberdade (de essencialmente ser e não responder a ninguém) é a principal idéia a estruturar a organização das vidas. É o que se ganha e, ao mesmo tempo, o que resta na lógica da contrapartida do estigma, da violência, do descaso, da invisibilidade. Esta idéia está presente na grande parte dos estudos sobre catadores (as) e populações de rua, a exemplo dos citados na bibliografia deste trabalho.

Somada aos desafios enfrentados na Associação, esta ‘saúde da liberdade de poder ser catador’ e de ‘estar à vontade’, o que nos remete à idéia de estruturação das vidas no lixão na contrapartida da precariedade ali corrente em suas diversas expressões, reconduziu, até bem recentemente, trabalhadores (as) já associados (as) ao local, onde passam a trabalhar sob o risco da intensificada fiscalização ou ficam frente à total ausência de possibilidades. Numa outra ponta, esse sentimento de liberdade que conduz forte e recorrente argumento ligado à idéia de autonomia às avessas que produz práticas e modos de vida, é o fator que bloqueia os caminhos daqueles (as) catadores (as) que não deixaram o ‘desumano’ trabalho no aterro rumo à Acácia que se dispõe, nesse contexto esvaziado de possibilidades, cada vez mais como único espaço de aglutinação destes (as) trabalhadores (as) em torno de uma proposta anunciada todo o tempo como *alternativa de sobrevivência ‘mais digna’*:

Então a nossa maior dificuldade hoje é convencer quem tá fora do projeto, nós não queremos as pessoas entrando e trabalhando lá em cima do lixão daquele jeito, porque lá estão em contato com doenças seriíssimas, que pode pegar um problema de infecção e tirar a vida de uma criança como aquela, porque lá as pessoas trabalham praticamente tendo que chafurdar no lixo como se fossem um animal, não é certo, nós não queremos aquilo! Reciclador é uma profissão, uma profissão digna inclusive porque cuida do meio ambiente (...) (Edinho em discurso dirigido aos (às) associados (as) no 3º aniversário da Acácia, novembro, 2004)

Cabe aqui a seguinte reflexão: na “gramática do poder”, catador vira reciclador, agente ambiental, defensor da natureza¹⁷. Na Acácia, o trabalho ainda é predominantemente de seleção de material reciclável em meio ao lixo bruto num ritmo industrial impresso pela esteira de triagem - esse material não é reciclado, é preparado para a venda a comerciantes de acordo com suas exigências que, por sua vez, o revendem às empresas geradoras das demandas, numa cadeia de valor agregado na qual sabemos quem, numa ponta, retém menos lucro e na outra, em distância abismal, institui esse valor. Se a organização destes

¹⁷ Felipe Luiz Gomes, mimeo, dezembro, 2005.

sujeitos em cooperativas - apoiadas por *Ongs*, Igrejas, Instituições Sociais e pelo Governo do Estado de São Paulo através do Instituto de Pesquisas Tecnológicas (Magera, 2005) - representa uma alternativa para fortalecer suas possibilidades de sobrevivência em termos mais 'dignos', também pode significar a continuidade das situações de exploração a serviço exclusivo dos interesses do mercado capitalista sob o véu da promoção da cidadania - tudo depende da orientação e do posicionamento adotados em torno da questão.

Em meio a estes movimentos buscamos perceber, portanto, entre as conquistas oficiais e o sentir do grupo, as ressignificações das vidas a partir desse processo a fim de compreender em que medida associar-se, organizar-se formalmente, representa hoje para os (as) trabalhadores (as) uma estratégia de realização de *inserção social*. Refletimos a respeito dos sentidos de pertencimento, ou até *que ponto há conquista e percepção de sua autonomia, de se saber sujeito de direito*, condição possível somente fora das fronteiras do lixão. No interior das lógicas que operam mecanismos de classificações dicotômicas entre as imprecisas idéias de inserção e exclusão sociais, o lixão é um espaço marginal, território negado em relação às *fronteiras sociais*, no qual as existências são anuladas pela impossibilidade de serem reconhecidas, onde os documentos e registros burocráticos não estão presentes a conferir cidadania¹⁸. Local dos não-direitos, o depósito se estabelece como espaço da necessidade a ser suprida no ritmo do imediato, por iniciativas de tradição assistencial arraigadas em raízes filantrópicas que remontam ao Brasil colonial (Telles, 2000).

No decorrer da pesquisa, nos deparamos com um processo dinâmico de intensa negociação: os posicionamentos e os 'sentires' têm sido constituídos no diálogo entre os (as) trabalhadores (as) e as diversas parcerias articuladas em seu trajeto com o poder público, ONGs, universidades, movimentos populares e outras iniciativas no fôlego

¹⁸ "(...) as divisões do tempo, a duração das partes assim fixadas, resultam de convenções e costumes e (...) exprimem também a ordem, inelutável, segundo a qual se sucedem as diversas etapas da vida social". (Halbwachs, 1995, p. 90)

A grande maioria dos (as) trabalhadores (as) do lixão sequer possuía Registro de Nascimento, os primeiros documentos foram providenciados por ocasião da formalização de sua inclusão na Acácia. Em pesquisa de campo, referências ao *tempo* - marcadores dos compassos das vidas - foram informadas a partir dos acontecimentos vivenciados coletivamente -: "*Quando meus filhos era tudo pequeno, era no antigamente lá do lixão, bem no começo que eu ia catar*". (D. Lurdes, 1999); "*Tô falando daquela época lá que os guardas da Construfert começou a correr nós de lá (...)*". (D. Maria, 1995); "*No tempo da Deodata [vereadora em 1994] nós não passava necessidade (...)*". (D. Divina, 2004)

'associativo-solidário'. Desde sua formalização, a Associação passa por diferentes fases nas quais observamos avanços e resistências em relação à formação de um sentido de coletividade pelo grupo - aprimorado gradativamente, de forma não linear e sob a força das demandas cotidianas, através da incorporação das idéias de direito à voz, voto, participação - e, a partir daí, do exercício de pertencimento. Embora nos posicionemos criticamente em relação às potencialidades de transformação social que conteriam *em si* as iniciativas associativas não podemos deixar de considerar, se olharmos para os meandros dessa experiência narrada, que se efetiva - formal e subjetivamente - uma passagem "das margens para dentro" na ocupação de um espaço no qual 'ser catador (a)' passa a se realizar a partir de novos referenciais que exigem a mudança interna, a mudança das formas de se posicionar no mundo.

Balizada pelo discurso da *Economia Solidária* e compreendida como local de práticas e vivências de aprendizados que abrem brechas ao exercício da inserção formal (consideradas devidamente as dimensões e características desta progressão), a Acácia se projeta a uma escala mais ampla na qual têm figurado, nos últimos anos, movimentos sociais de dimensão nacional de luta contra a exclusão que funcionam como pontes entre as questões locais, nacionais e globais, em afirmação de propostas solidárias. Tais movimentos que encontram, nos últimos Fóruns Sociais, vias de interação e organização, são protagonizados por uma parcela da população em situações de precariedade de trabalho e vida que têm somado esforços e estabelecido parcerias para obter visibilidades e operacionalizar articulações. Nessa orientação organiza-se em 2001 o *Movimento Nacional de Catadores e Catadoras de Materiais Recicláveis (MNCR)*, coletivo que reivindica a participação do (a) catador (a) em todas as etapas da cadeia produtiva da reciclagem do lixo - coleta, separação, reciclagem e distribuição - através de sua formação política e auto-organização em cooperativas, em defesa da implementação de projetos de *coleta seletiva*:

Então nossa forma de organização é em cooperativas e associações orientadas por princípios solidários que é a união de pessoas da mesma profissão, que somos nós, são todos os catadores reunidos dentro de um espaço, trabalha de forma coletiva, em regime de auto-gestão (...). E a nossa meta é: trabalho com material já selecionado; é lutar pela coleta seletiva nos municípios (...) e dar formação para o

catador ter condições de encarar o mercado ainda dominado pelos empresários da reciclagem. (Marcão, apresentação do MNCR no 1º Encontro de Catadores (as) de São Carlos e Região, com gravador, novembro, 2004)

A Associação Acácia está, assim, no foco dos direcionamentos atuais dos movimentos e das políticas públicas que buscam, num redesenho das práticas e ações no tratamento das situações de exclusão produzidas pela pobreza, a reintegração social de populações consideradas neste registro pela via da criação de associações e cooperativas geradoras de emprego das capacidades profissionais e renda diante de situações emergenciais. A idéia é a multiplicação de uma rede de iniciativas deste caráter que, em parceria, possam preencher e interligar espaços esvaziados de perspectivas e produzir mudanças rumo à transformação social. Neste ensejo estabelece-se em Araraquara, a 19 de novembro de 2005, a implantação do **Programa de Coleta Seletiva Solidária** que segundo Laerte, responsável pela Coordenadoria de Economia Social e Solidária criada nesse mesmo ano, “(...) *pretende incentivar a Economia Solidária, por meio do apoio à formação cooperativa e criar a cadeia produtiva da reciclagem de matérias recicláveis*”. (< www.setorreciclagem.com.br>. Acesso em 02/12/2005)

O Programa, discutido por um conselho gestor formado por membros de todas as instâncias parceiras¹⁹, consiste na coleta domiciliar e posterior triagem e tratamento do material doado voluntariamente pela população incentivada pelas idéias-chave da preservação ambiental e da geração de renda para trabalhadores (as) reconhecidos por seu papel ‘ecológico’ e ao mesmo tempo ainda vitimizados por um olhar social que os (as) classifica pelo viés da relação lixo-resto: “*Eu acho ótimo, a melhor coisa que poderia ser feita é o material reciclado. É limpeza para a cidade e dinheiro para essa gente*”²⁰. A operacionalização do programa conta com a estrutura e o trabalho da Acácia em parceria

¹⁹ Projeto promovido pela Prefeitura Municipal através da Secretaria de Desenvolvimento Urbano por meio da Coordenadoria de Meio Ambiente em parceria com a Secretaria de Desenvolvimento Econômico, a Coordenadoria Executiva de Economia Social e Solidária, a Secretaria de Governo, por meio da Coordenadoria de Participação Popular, a Secretaria de Obras e Serviços Públicos, o Daae e a Acácia.

²⁰ “Essa gente” é o (a) trabalhador (a) cuja fonte de sustento é o lixo doado voluntariamente por um ‘senso ecológico’ ainda confundido a um sentimento de compaixão que institui o gesto da ‘ajuda’. (Depoimento de uma senhora aposentada, divulgado pela Assessoria de Imprensa do Daae em 22/08/2005)

com os *Ecopontos* - iniciativa implantada em 2004 que empregou 13 trabalhadores (de diferentes trajetórias em relação aos/às catadores do lixão) para receber e coletar material em 2 bairros da cidade: “O *Ecoponto* hoje é um ensaio, é assim, um projeto piloto pra gente aprender como a gente vai colocar toda essa gente na coleta seletiva [refere-se aos/às catadores/as de lixo de rua²¹] (...)”. (Luciano, então gestor de projetos de geração de trabalho e renda da Secretaria de Desenvolvimento Econômico, através da qual o projeto é implementado)

Nesse sentido, a Associação se torna parceira da Prefeitura em um projeto de caráter ambiental ao passo que esta é viabilizadora de uma ampliação de espaço de ação, geração e possível aumento da renda no longo prazo para os (as) catadores (as) que passam, ainda que fragilmente, a ser reconhecidos (as) como *agentes ambientais* pela população, num processo de constituição de uma visibilidade social em termos de valores positivados pela formalização. Este processo de formalização está carregado, no entanto, de uma série de exigências estabelecidas legalmente em relação ao funcionamento e organização da Acácia (que *deve* se adaptar institucionalmente para ser parceira), revelando uma situação de fragilidade, precariedade do trabalho e pouca autonomia da Associação no decorrer de sua formação.

A inserção na Acácia de trabalhadores (as) vindos dos *Ecopontos* com trajetórias, vivências e, portanto, práticas de trabalho diferenciadas, em meio a outras mudanças como a transformação de sua identidade institucional de associação para cooperativa que chega, por sua vez, como condição imposta - para a participação desta como parceira no Programa Coleta Seletiva Solidária - pela Delegacia Regional do Trabalho, reforçada pelo Daae, responsável pelo seu funcionamento estrutural, são fatores desafiantes para os sujeitos desta pesquisa:

Isso [a passagem para o estatuto de cooperativa] foi exigência da DRT, senão ameaçaram de fechar, essas coisas... Já tá quase formalizado, mas pra gente aqui

²¹ O universo da catação é heterogêneo, composto: por trabalhadores (as) de outros setores que acumulam esta prática em relação a materiais específicos como latas de alumínio; por catadores (as) de rua mais empobrecidos que andam à pé ou com carroças puxadas ou não por animais (o que já caracteriza distinções); por catadores (as) que realizam a coleta direcionada aos estabelecimentos comerciais ou condomínios geralmente com veículos motorizados; por catadores (as) de lixões. As trajetórias e vivências operam diversas distinções entre os trabalhadores (as).

na prática do dia-a-dia não muda nada, é que como cooperativa eles falam que tem mais facilidades assim de financiamento e no caso dos direitos trabalhistas também tem uma melhoria... (Lena, caderno de campo, dezembro, 2005)

O fato de Lena afirmar naquele momento e em nome do grupo, que não percebe diferenças na mudança do estatuto ao passo que está ciente das melhorias que a transição acarretará no nível dos direitos trabalhistas indica que esse processo ainda está pouco compreendido em sua dimensão mais ampla, que exigirá uma recomposição das relações organizacionais - muito pautadas em centralizações - que serão sentidas e percebidas na prática, no decorrer do processo. A pouca compreensão decorre do ritmo acelerado dos acontecimentos e de seu caráter mais uma vez externo em alguns pontos, ao mesmo tempo em que a parceria com a Prefeitura no projeto de Coleta Seletiva anuncia novos rumos positivos à Associação, pois implementa a mudança da qualidade do lixo ao inaugurar uma cadeia de reciclagem, o que fará diferença fundamental no caráter do trabalho operacionalizado. *Mas até que ponto esse fato elimina as relações de exploração características do universo da catação?*

Na captação do trajeto destes sujeitos, das franjas do lixão (um primeiro momento/ “o passado”) ao trabalho associativo (segundo momento) e à coleta oficializada às portas das casas em parceria com a Prefeitura (terceiro momento), as falas obtidas e a percepção do campo de pesquisa revelam, atualmente, *estares* em transição num oscilar entre um tempo passado expresso na idéia recorrente de que “no lixão era (é) melhor” e o presente, momento de construção de um sentido de grupo voltado para a proposta (anunciada sempre ‘de fora’) de ultrapassagem da condição de exclusão em meio a um contexto de parceria, que funciona como elemento simultaneamente facilitador e complicador, gerando uma situação de encruzilhada na qual diferentes atores estão em ação: poder público, novos agentes, catadores (as) de diferentes ‘naturezas’:

Aqui na Acácia, como você vê, de vir aqui, andar aí por tudo, tem muitos hábitos que o povo traz do lixão, né, de levar comida pra casa, essas coisas. É uma mistura

do jeito de ser lá dentro [do lixão] e aqui porque vai mudando e o povo tem que acompanhar. (Lena, caderno de campo, na Associação, outubro, 2004)

Lidar, nos termos e ritmos descritos, com a mudança radical da organização do trabalho (no lixão e na Associação), entrar no mundo associativo e formal, situar-se e tornar-se visível publicamente, ser parceiro (a) são movimentos que requerem uma série de novos aprendizados e reformulações, o que tem sido um desafio compartilhado de diversas maneiras pelos (as) catadores (as) que compõe a Acácia desde seu início. Procuramos, neste momento, perceber sob diversos olhares estes diferentes lugares ocupados desigualmente no processo a fim de compreender esta encruzilhada: *até que ponto a parceria da Acácia com o poder público é sua escolha e até onde se constitui como exigência atribuída institucionalmente que ainda carrega, pesados, traços de assistência - no sentido de concessão, dádiva - e estigmas vários?* Em outras palavras, *Qual lugar a Acácia ocupa no processo de negociação de parceria?*

Os depoimentos e a pesquisa de campo (meu contato com os/as catadores/es é constante e não se limita à pesquisa, pautado numa relação de troca constituída nestes anos) informam, como já afirmamos, que ocorrem inserções tanto no nível formal do trabalho como no simbólico na construção de um sentimento oscilante de pertencimento em relação à Acácia, denunciando fragilidades. Para a maioria, em primeiro lugar ainda é lançada na balança das perdas e ganhos a diferença entre ‘ser livre no lixão’ e ‘vestir a camisa da Associação’ o que demarca, sobretudo, um compromisso formalizado, uma disciplina e ritmo diferentes que exigem o aprendizado da ação e da iniciativa, já que rompidas as linhas da assistência. Este é o lugar de onde a Acácia vai dialogar com o poder público numa relação construída com base em personalismos situados, por sua vez, entre os direitos e as dádivas e, por isso, geradora de tensões.

Não podemos preterir o fato de que há avanços obtidos nesta trajetória - da saída do lixão, passando pela constituição do processo associativo aos dias atuais - que têm construído *espaços de inserção* nos quais habitam os *fazeres em reconstrução*, vivenciados diversamente entre os (as) trabalhadores (as), apontados para a busca de um renovado lugar social. No entanto, modificar para transformar sua condição requer um reconstruir identitário num movimento de resignificação da vida. Um processo que implica, para os

(as) catadores (as), na necessidade de não perder as raízes que sustentam uma “cultura” que, fundas, foram alimentadas com tanto trabalho e enfrentamento no lixão, enquanto se recompõe nova folhagem, na Associação:

(...) tem uma série de dificuldades a serem enfrentadas. Pra começar, eles [associados/as] não têm a noção muito clara do que é uma cooperativa, assim, não incorporam isso aqui como sendo deles também; por isso temos um comportamento individualista, muitas faltas, olha ali o quadro²²... Como era antigamente no lixão, cada um cata para si, se não quer, não cata; daí o que você me perguntou sobre autonomia [no sentido da organização do trabalho], nesse sentido lá era maravilha! Aqui tem horário e não tem a cultura. Não tem a cultura da higiene [inscrita na questão dos modos de vida] também, é difícil mudar os comportamentos que estão, assim por dizer, viciados mesmo. (Lena, caderno de campo, na Acácia, fevereiro, 2004)

Se podemos, por um lado, afirmar que houve/está havendo um processo de visibilização e significativas mudanças da condição dos (as) catadores (as) conquistadas pela sua inserção formal no mundo do trabalho, inscritas em seu reconhecimento social/identidade enquanto trabalhador (a): “Desse lado é bom, que agora a gente pode fazer uma conta numa loja e dizer que trabalha na Associação, que tem tudo os documentos” (D. Lurdes, 70 anos, na Associação, maio de 2004), por outro, o depoimento anterior de Lena pontua as dificuldades enfrentadas no dia-a-dia da Associação para que a *internalização* desta identidade se efetue plenamente e se reflita nas práticas.

A análise dos depoimentos relacionados a esta questão (*o que muda nas vidas neste trajeto?*) revelou que a percepção dos (as) associados (as) em relação às transições vivenciadas (compreendidas em seus múltiplos aspectos econômicos, sociais, simbólicos) - se estas acarretam mudanças em suas vidas - pode ser subdividida em três grandes grupos

²² Indica um grande quadro onde são registradas as faltas que fica bem visível, próximo ao livro onde se registram manualmente as presenças funcionando como estratégia organizacional própria de formações associativistas, nas quais o trabalho e o lucro são coletivizados.

de narrativa que caracterizam as falas e os lugares ocupados por cada um, o que nos permitiu uma visualização bastante geral a indicar pistas:

1. Falas realizadas especificamente pelos (as) trabalhadores (as) na faixa etária a partir de 60 anos:

Quando não há reconhecimento explícito de mudança, embora haja indicação do que chamamos de *fatores de positivação* muito ligados à segurança:

O que é que muda? Muda nada essa vida, não! Essa usininha²³ eu já trabalhei muito nela, entrei e saí, do tempo da Construfert. O quê que mudou? Muda que agora lá no lixo nós não entra mais, uma tristeza... Aqui também tem isso de bom, que nós trabalha sossegado. (D. Lurdes, caderno de campo, na Acácia, outubro, 2004)

Aqui o trabalho é outro, né filha? É mais trabalhoso, mas tem essa vantagem de ter, de dizer que tem onde trabalhar, o lugar certinho, que lá no lixo [lixão] tava ruim com os guarda, entende? Mas a vida mudou nada, nem posso dizer pra você, que pra mim é igual, se não fechava o lixão, nós tava lá de certeza. (D. Divina, 65 anos, caderno de campo, na Acácia, outubro 2004)

A vida da gente é essa, né, lá na usina e no lixão, a diferença é o trabalho que muda, mas pra nós é igual, fora que na usina tem menos liberdade, tem os horário, tá certo que é mais organizado, eu fico nas garrafas, tirando tampa, é mais sossegado que catar com medo de guarda, né? Mas vou dizer pra você, menina, que tenho é saudade do tempo bom lá de cima... Quem dera nós estar lá... [refere-se ao lixão, em momentos em que a vigilância recuava] (D. Maria, 63 anos, caderno de campo, em sua casa, novembro de 2004)

Para as gerações mais antigas, os relatos indicam que a transição é mais difícil, pois o tempo sedimenta as formas de ser. Essa idéia está em reflexão na apresentação das

²³ Refere-se à estrutura para a reciclagem onde opera a Acácia. O diminutivo indica familiaridade com o local.

trajetórias de 3 catadoras - em suas falas o lixão é apresentado como “um tempo bom”: “*Ali a gente era amigo, catava, tinha muito material, a gente até fez nossos barraquinho lá, era animado*” (D. Maria, caderno de campo, em sua casa, maio, 2004)

2. Falas predominantes:

Quando há reconhecimento da mudança associada ao lugar social adquirido pelo estatuto de associado (a):

Eu acho que a Associação não é melhor nem pior, é o que tem, né? Uma coisa que mudou, foi que a gente tem mais conhecimento [reconhecimento] na cidade, tem o uniforme, a Acácia é um lugar de trabalho, que antes, dizer ‘eu trabalho lá no lixão’, ninguém tinha ali como um lugar de trabalho. Também aprendi, fiz curso ali dentro, de reciclagem... Mas te dizer que minha vida, eu, continua tudo igual, né? (D. Rosalina, 47 anos, caderno de campo, em sua casa, maio, 2004)

Só não vê que mudou aqui na usina da época do lixão quem tá ruim da cabeça! Aqui tem como dizer que trabalha na Acácia, tem o nome de onde a gente trabalha e lá no lixão não podia dizer “trabalho no lixão”, que não era nome de firma, nada! Essa pra mim é a diferença maior, de resto é igual, a gente trabalha até mais, ganha a mesma coisa, só tem vez ou outra que ganha mais... (Marcão, cerca de 30 anos, caderno de campo, Acácia, setembro de 2005)

3. Fala única:

Quando há reconhecimento de uma consciência adquirida associada à formação política:

Eu posso dizer que aos poucos, indo nos eventos, nas reuniões, eu fui mudando, agora já tenho uma outra consciência, mudou meu jeito de ver as coisas, teve minha formação política também, de entender melhor que eu não quero cesta básica que tem o refrigerante “x”, eu quero ir no mercado escolher e comprar Guaraná Antártica, isso eu entendi que é assistencialismo. Mas o pessoal aqui só

conheceu essa vida, é difícil mudar, é difícil largar a cultura antiga... (Lena, 48 anos, presidente da Acácia, gravador, novembro, 2004)

Aqui é importante pontuar que a trajetória de Lena se diferencia das trajetórias da maior parte dos (as) catadores (as) em questão, pois desde o início do processo de constituição associativa ela já havia estabelecido uma relação partidária, por ser filiada ao PT iniciando, por esta via, um exercício de formação política. A partir de então, passa a participar mais recentemente do Movimento Nacional dos Catadores (as) e dos fóruns estaduais e nacionais relacionados à questão, adquirindo novos posicionamentos através da elaboração de um outro olhar adquirido nestas trocas. No entanto, suas foram iniciativas foram individuais e não podemos dizer que os (as) associados (as) em geral compartilham essas experiências, apesar de Lena levar à Acácia e às situações de mediação com o poder público seu aprendizado nesse trânsito realizados nestas diversas instâncias.

Muitos passos foram dados no longo caminho trilhado por estes (as) trabalhadores (as) nos últimos dez anos: numa perspectiva ampliada, pontes estão sendo construídas em luta e resistências múltiplas entre estes sujeitos e os espaços possíveis de inserção, mas a conquista efetiva desta condição em termos de transformação social tem a ver com os pontos em que as mudanças são incorporadas. Acreditamos, com base nos dados captados e das nossas incursões em campo, que a realização plena desta etapa ainda está numa outra ponta da extensa jornada. Para alcançá-la é importante que se reconheça a importância dos movimentos sociais como aglutinadores e espaços dinâmicos de reflexão, como via de aprendizagem política e ampliação de referências, para que se possa perceber as armadilhas dos discursos e ações paliativas e posicionar a luta no nível do combate pela raiz, à racionalidade de um sistema produtivo inclassificável em seus mecanismos destrutivos:

No Movimento, a primeira coisa que nós trabalhamos é a auto-estima. Porque o catador é talvez o trabalhador mais marginalizado, por trabalhar com o lixo que é considerado a pior coisa, ainda não temos a consciência do lixo como alguma coisa que tem valor. Então o catador, se não é valorizado, não se valoriza e, sozinho, é difícil perceber até que sua atividade é um trabalho. Por isso o nosso

foco principal de luta foi o reconhecimento oficial do trabalho do catador. A partir daí, tem que trabalhar por dentro de cada um e mudar a consciência, pra transformar. (Marcão, MNCR, 1º Encontro de Catadores (as) de São Carlos e Região, com gravador novembro, 2004)

Nota sobre o caráter dinâmico do campo de pesquisa

Quem deseje atinar com a dor de cidadãos rebaixados precisa demorar-se entre eles, precisa repetir e prolongar as visitas, prolongar a prosa. Pode chegar à amizade que é como uma cura para a nossa ignorância e para nossa arrogância.

Fernando Braga da Costa

Captar, para compreender, as trajetórias de vida destes (as) catadores (as) de lixo em dois momentos diversos, no espaço do lixão e na Associação Acácia, significa entrar em contato com vidas inscritas nas dinâmicas das instabilidades traçadas no registro da pobreza extrema que descrevem movimentos de idas e vindas em relação ao universo do trabalho e às perspectivas dele decorrentes. A pesquisa de campo se caracteriza, assim, pela percepção do cotidiano destas pessoas diante da intermitência: apreender dados mais objetivos que figurariam iniciais para a realização desta, como nomes e idades das pessoas, número de filhos, relações de parentesco, apenas foi possível pela constância das incursões e pela elaboração de proximidade estabelecidas no longo prazo. Os ritmos das entrevistas que inicialmente derivaram de conversas informais, através das quais aprendi a reconhecer um universo até então totalmente desconhecido, composto por fazeres e estares afirmadores de nossa distância social, exigiram muitas e prolongadas abordagens: recebi no decorrer dos encontros o que gradualmente se disponibilizava, procurando exercitar novos olhares à medida que compreendia os processos e relações sociais a estruturar sua realidade. Nessa cadência compartilhada foi se constituindo o meu estar em campo em “atitude de escuta metódica, refletida e atenta” (Bourdieu, 1997), numa aprendizagem recíproca:

Só a reflexividade, que é sinônimo de método, mas uma reflexividade reflexa, baseada num “trabalho”, num “olho sociológico”, permite perceber e controlar *no campo*, na própria condução da entrevista, os efeitos da estrutura social na qual ela se realiza. (Bourdieu, 1997, p.694, grifo do autor)

Nos primeiros contatos com o lixão ocorridos sistematicamente num período de três meses, entre o final de 1993 e o início de 1994, experimentei grande dificuldade, gerada pelo impacto agressivo daquela realidade reveladora da imensa desigualdade social registrada na precariedade do trabalho, nos corpos, nos hábitos, em organizar as imagens que, à primeira vista, revelaram adultos e crianças à catação pouco ordenada de material em meio ao lixo que dispomos, na maioria das vezes sem critério, para longe de nosso alcance. Insistência, tempo e disponibilidade para lidar com uma diversidade grande de informações silenciosas foram fatores imprescindíveis para realizar possíveis recortes numa busca de organização dos elementos, de percepção mais sistematizada²⁴.

Ao final do primeiro mês de observação e troca de poucas palavras, pude considerar uma presença predominante de mulheres e de adultos compondo um grupo fixo de 50 pessoas que trabalhavam com frequência, constância e método, para o qual passei a direcionar mais atentamente o olhar. Intensifiquei as abordagens e expus meu interesse em entender a divisão do trabalho inscrita em diversas etapas da atividade, a linguagem e as expressões utilizadas e, nesse momento, recebi a contrapartida das explicações, muitas vezes orgulhosas, dos (as) catadores (as) em relação ao seu ‘ofício’:

Se você quer saber como nós trabalha, que é um ofício que nós leva aqui, é só ficar olhando que nós vai explicando, que tem muita coisa, o pessoal pensa que é fácil, não é não! Tem que saber! Primeiro tem que ver os saquinho que vai abrir, depois tem que dividir os material, amarrar, separar os vidro assim por cor, dá um trabalhão! Tem os tipos de papel também que é muito, vai perguntando, viu, vai vendo o que você quer saber!” (D. Maria das Graças, na época com 62 anos, caderno de campo, início de 1994)

O fato de ter demonstrado interesse e respeito por sua atividade me possibilitou uma aproximação através da qual identifiquei famílias, pude distinguir parentescos e o teor das relações no decorrer de conversas nas quais era informada, exclusivamente pelas mulheres, de fatos cotidianos, acontecimentos passados, impressões gerais sobre a vida. Foi

²⁴ Meu primeiro contato com o lixão realizou-se enquanto era estudante da Graduação em Ciências Sociais ao participar, como voluntária, de um grupo de pesquisa da Faculdade de Ciências Farmacêuticas da UNESP/Araraquara que investigava a incidência de casos de leptospirose no local.

justamente nesse momento que houve a ação de despejo e, deste grupo referido, 35 pessoas da mesma família foram alojadas em um local disponibilizado pela Prefeitura - algumas voltaram rapidamente às imediações do lixão, improvisando ali barracos de plástico e papelão, insistindo na catação. Os (as) outros se dispersaram e alternaram locais de moradia, também retornando em vários momentos ao trabalho clandestino no lixão.

As pessoas com as quais mantive mais contato fizeram parte do grupo que ficou alojado e são algumas das mesmas que compõe a Acácia, em instável e frágil constância, até os dias atuais. Quando nos referimos, portanto, aos (às) catadores (as), estamos falando mais especificamente deste grupo, remetendo ao fato de que a iniciativa de formação da Associação foi processo inicialmente compartilhado por poucos e que chegou em sua consolidação a agregar a maioria, mas por pouco tempo. Desde sua formação até hoje, observamos na Acácia um fluxo muito intenso de entrada e saída destes (as) trabalhadores (as): de 53 pessoas associadas no início, das quais, como já referimos, 45 estavam no lixão, destas atualmente (janeiro, 2006) ficaram 20, sendo que 3 se afastaram por aposentadoria e uma por motivo de saúde.

Foi esse grupo que permaneceu em todo o processo narrado no decorrer desta pesquisa, desde o despejo até os dias atuais na Associação que, em cada momento específico é composta por um número diferente de pessoas. A heterogeneidade, outra marca do grupo - que não elimina a forte identidade estabelecida por laços de parentesco e convivência -, fica por conta das diferentes faixas etárias: são três gerações de ex-trabalhadores (as) do lixão na Associação, sendo que todos (as) os (as) mais novos (as) foram criados ali a partir dos rendimentos obtidos com a catação. Com as 20 pessoas referidas, trabalham hoje outras que não tiveram experiência com a atividade no lixão, totalizando 47 associados (as), o que lhe imprime uma mudança das características iniciais.

Ao falarmos, então, nas trajetórias *do lixão à Associação até o presente momento*, nos referimos mais às pessoas que nesta permanecem e se pergunto a Lena e aos (às) outros (as) associados (as) a respeito deste fator de *inconstância* - que nos informa sobre seu processo de constituição a elaborar o lugar de onde a Acácia se relaciona com os outros agentes -, as maiores referências se realizam em relação aos horários e aos *modos de vida*:
“Acho que o povo sai por causa que não quer perder aquela vida, quem não gosta muito

de horário, que vem aqui trabalhar e só encosta [dissimula o trabalho], sabe?" (Seu Antônio, 78 anos, caderno de campo, dezembro, 2005)

Esta questão dos modos de vida, muitas vezes utilizada de forma equivocada como justificativa a naturalizar determinados comportamentos e situações sob a designação de 'cultura' é utilizada no âmbito desta pesquisa como reunião de elementos inscritos nas práticas cotidianas a orientar nossa compreensão a respeito da figura destes sujeitos investigados. Esta compreensão nos informa, por sua vez e ao nos desconstruir um olhar estigmatizante limitado às aparências, incapaz de perceber as causas e lógicas dos movimentos, a respeito do caráter das dificuldades e lacunas apresentadas pela experiência associativa em questão. Ao mesmo tempo, esse esmiuçar das vidas e impressões dos sujeitos - expressões muitas vezes apontadas como subjetivas e sem importância por diversos agentes do processo -, apontam questões extremamente sérias a gerar inúmeros entraves e problemas internos de relacionamento, como um alto índice de alcoolismo e utilização de outras drogas, predominantemente entre homens adultos e adolescentes:

Quem saiu e não quer mais ficar aqui, quer ter a vida que tinha no lixão, poder fazer os horários, não ir trabalhar quando não quer, poder beber sua pinga... A maioria que saiu este ano foram os viciados mesmo, os que faziam trambique aqui dentro, que faltavam muito, ficavam dias bebendo e desapareciam, depois voltavam, você já sabe... Quem ficou, são os de sempre. (Lena, caderno de campo, dezembro, 2005)

Esta realidade, produzida por condições marginais e precárias, instáveis de vida, nunca esteve abordada pelo poder público de forma direta como questão social, mantendo-se invisível, o que nos revela a complexidade, ignorada por exigir atitudes que deveriam estar pautadas em posicionamentos comprometidos com a transformação, mais profundos na ultrapassagem dos níveis emergenciais, das questões apresentadas: que políticas existem, neste momento, direcionadas à formação política-cultural-profissional destas pessoas reunidas sob o emblema reluzente do associativismo? Onde permanecem, enquanto suas mães trabalham, as já denominadas 'crianças do lixão?' (Apesar de serem filhas e netas de

agentes ambientais), se as creches funcionam em horários incompatíveis com seu ritmo de trabalho e ainda fecham no período do recesso escolar?²⁵ Apenas para indicar exemplos.

No decorrer da elaboração deste trabalho, a pesquisa de campo esteve subdividida em dois momentos, apresentando características diferentes: por ocasião da elaboração da Dissertação de Mestrado, as visitas ao lixão e os primeiros contatos com os (as) catadores (as) foram tecidos, na maioria dos casos, sem a utilização do gravador para o qual não havia espaço - diante dele, apenas captei silêncios a informar limites. Nesse sentido, a observação etnográfica e a elaboração dos cadernos de campo caracterizaram uma abordagem artesanal que exigiu maior proximidade. Esta condição resultou em um trabalho mais lento e detido que possibilitou, por sua vez, um reconhecimento recíproco, uma troca mais intensa na qual reconhecer os sujeitos implicou em um auto-reconhecimento pessoal e intelectual.

Naquele momento, as informações a respeito dos (as) trabalhadores (as) em questão foram captadas por meio da relação constituída com D. Lurdes, principal interlocutora da pesquisa de Mestrado, por meio de demoradas conversas em sua casa, coladas à dinâmica do cotidiano: os assuntos e as trocas progressivas se desenvolveram na cadência da comida no fogão, da roupa para lavar, dos seus netos e netas brincando. Sua trajetória de vida assim reconstituída me inseriu no universo daqueles (as) trabalhadores (as), revelando e me aproximando dos sujeitos, transformando e reorientando este olhar de pesquisadora.

Com esse olhar, entre 2002 e 2005 retornei a campo²⁶ para, através da mediação de D. Lurdes, estar com D. Maria (em sua casa) e D. Divina (na Associação). Consideradas as *mães de todos*, estas três mulheres foram as primeiras que se mudaram com os maridos e os filhos para o lixão, em 1980. Estes, quase todos criados ali, casaram-se entre si constituindo as segundas e as terceiras gerações de catadores (as), o que nos conduz à idéia de uma única *grande família* de pessoas sempre vivendo e trabalhando próximas organizadas, ao nosso primeiro olhar distanciado, de forma confusa constituindo "*incertos arranjos domésticos*

²⁵ Desde 2004 a Acácia busca meios para resolver esta questão da creche, sem resultados. Em novembro de 2005, estive presente em uma reunião na Associação juntamente com representantes da ASFACI, uma Associação de Trabalhadores Circenses que se estende, em parceria, para articular um projeto fundamentado em oficinas culturais a serem direcionadas a crianças e adultos, a partir do eixo lixo-meio ambiente. Nesta reunião, fica clara a necessidade de um projeto com as crianças - houve a proposta de montagem de uma brinquedoteca ali mesmo, em um espaço dentro da Associação, mas chegamos à conclusão que o local (ao lado do aterro) não está apropriado para crianças. As articulações estão em andamento...

²⁶ Como pudemos perceber, diversas falas das entrevistas pontuadas já foram utilizadas nesta Introdução.

instalados no provisório” (Agier, 1990). Principais interlocutores da pesquisa neste segundo momento, a maior parte das pessoas que foram afastadas do lixão em 1994 e que compõe o quadro mais fixo de associados (as) da Acácia pertence a essa grande família, fato fundamental à compreensão das relações na Associação, caracterizadas por verticalizações e resistências difíceis de serem dissolvidas em nome de um coletivismo cada vez mais premente.

No universo desta pesquisa, a *família* representa um “espaço de referência moral” (Sarti, 1996), valorativa, no qual os (as) catadores (as) produzem e interpretam sua condição: as idéias de que “vivem amontoados” e da “falta de individualidade”²⁷, presentes em depoimentos que apontam os fatores de ordem e asseio como papéis sociais a serem desempenhados pelas mulheres, nos conduzem à reflexão acerca dos conceitos de família centrados estritamente nos laços biológicos. A consideramos, portanto, para além de uma instituição formal e *naturalmente* estabelecida, mas como arranjo articulado historicamente em referência às relações fundamentadas por deveres, direitos, afetos e desafetos comuns. Ao demarcar a invenção universal do tabu do incesto, Lévi-Strauss assinala a passagem da família fundada sobre o biológico para “o fato social da *afinidade*”:

(...) a família biológica é uma abstração indeterminada que não tem nenhuma relação com a realidade histórica. (...) A vitória da afinidade e, portanto, do homem enquanto criador do seu ser social e cultural significa a derrota da filiação e de qualquer teoria irracionalista, ainda que aparentemente científica, que se baseie na eternidade “natural” do que é historicamente dado. (Canevacci, 1981, p.38)

²⁷ “Lá [lixão] não se sabia quem era quem. (...) Era uma família só, toda degradingolada” (Ex-vereadora Deodata, 1996); “(...) viviam todos juntos, não se sabe do pai, do filho, quem é a mãe...” (D. Eunides, 1996).

Por ocasião do despejo, surgiram muitas prenoções estigmatizantes acerca dos (as) catadores (as) relacionadas às concepções ideais de família associada à ordem pautada pela higiene, organização, asseio - valores remetidos às mulheres como responsabilidade natural. Promovido pela Secretaria de Assistência Social coordenada na época por Deodata - cuja trajetória profissional esteve fortemente marcada pela carreira de visitadora de saúde pública do Serviço Especial de Saúde de Araraquara (SESA), criado pela USP em 1948 - e apoiado por instâncias assistencialistas ligadas à Igreja Católica, o despejo e o alojamento daquelas pessoas esteve conduzido por orientações específicas associadas à saúde e ao ordenamento moral das vidas, concebidas *em negativo* em todas as suas instâncias. Este movimento está detalhado em Adametes (1999).

Desta marca emergiram diversas discussões, localizadas em determinados momentos históricos, sobre a família patriarcal, afirmada na descendência patrilinear (Morgan) organizada no compasso da sociedade industrial²⁸. Os estudos da situação da família na modernidade trazem reflexões a respeito da situação social das mulheres na relação entre a dinâmica social mais ampla e o núcleo privado, tendo em vista que “(...) *as funções que a família exerce são estreitamente dependentes do lugar que ocupa na organização social e na economia*”. (Mitchell, 1967, p.32)

As críticas à elaboração *natural* dos ‘papéis femininos’ se articulam na esteira das lutas e pesquisas feministas sobre as desigualdades entre os sexos que estendem questões a respeito do trabalho doméstico e da reprodução, na crítica à idéia de trabalho feminino como extensão biológica; nesta esteira, o ponto de partida passa a ser a *produção social dos sexos* a orientar a compreensão das maneiras com as quais homens e mulheres ocupam seus espaços nas esferas pública e privada, com base nas construções sociais que elaboram os sexos:

As diferenças entre os corpos que nascem de seu sexo são constantemente solicitadas a testemunhar as relações sociais e as realidades que não têm nada a ver com a sexualidade. Não somente testemunhar, mas testemunhar para, ou seja, legitimar. (Scott, 1990, p.16)

Os lugares são ocupados por homens e mulheres de forma construída em referência às “relações sociais de sexo” Kergoat²⁹ (1996) marcadas pela hierarquia e pela dominação, *transversais* a todos os campos sociais extrapolando a relação familiar-afetiva ao perpassar a esfera produtiva: “(...) *a relação entre os sexos não se esgota na relação conjugal, mas é ativa no local de trabalho, enquanto a relação de classes não se esgota no local de trabalho, mas é ativa na relação com o corpo (...)*”. (p.12) Trabalhar, portanto, na busca das práticas sociais dos (as) catadores (as) de lixo e dos pontos de vista que em geral são desenvolvidos a seu respeito, significa levar em conta as dimensões explicitadas acima, considerar que quando falamos

²⁸ Como referências bibliográficas apontamos Canevacci (1981) e Poster (1979).

²⁹ Scott e Kergoat representam escolas diferentes, respectivamente a americana e a francesa. A primeira faz uso da categoria *gênero* que explica as relações de poder entre os sexos, a segunda utiliza as *relações sociais de sexo*, conceito de raiz marxista que assinalou a divisão social do trabalho como centro da desigualdade. Embora sejam acepções de raiz diferenciada, uma não exclui a outra, no sentido que ambas “são mediadas pelo poder” e se colocam como princípio que organiza as práticas sociais. (Oliveira, 1997, p.09)

em cotidiano e fazeres, refletimos inevitavelmente sobre o teor sexuado das relações sociais.

Em entrevistas realizadas com o gravador, mais diretas e concentradas devido à proximidade legitimada pelo tempo de pesquisa, pude reconstituir aspectos dos modos de vida no lixão muito referidos por estas mulheres no decorrer dos encontros e conversas. Através desta compreensão, podemos perceber as referências ao depósito 'como um tempo bom' da perspectiva das lembranças de um passado que compõe o que somos, que elabora nosso presente, nos enraizando num "processo identitário" que nos dá sentido de vida (Zaluar, 1985). Ao olharmos, portanto, para os (as) associados (as) da Acácia finalmente podemos de fato ver, sem a cegueira social produzida pelo distanciamento, pessoas com histórias e só assim reconhecemos melhor os níveis de mudança que ocorreram em sua caminhada nos últimos dez anos.

Uma série de outros relatos foram captados a partir de meu retorno ao campo de pesquisa em 2003 - muitos já figuram nas páginas acima - para identificar os movimentos cotidianos na Associação e, para tanto, realizei entrevistas, em suas casas, com D. Mara, 48 anos, única entrevistada que nunca trabalhou no lixão, associada à Acácia, D. Rosilda (irmã de D. Mara, 40 anos), D. Rosalina, Lena, 48 anos - mulheres mais jovens que se conhecem da catação há mais de dez anos. Em caderno de campo, além das descrições etnográficas realizadas entre 2003 e 2005 (e de informações adquiridas em conversas esporádicas em 2002), que consistiram em considerações a respeito do funcionamento da Acácia fundamentadas nas observações empíricas e nas diversas falas do poder público e dos (as) catadores (as), foram anotados depoimentos de Felipe, filho de Lena, 19 anos e Seu Antônio. Esses depoimentos estão distribuídos ao longo do texto e são mais espontâneos ao se realizarem no correr do dia, diante de alguma circunstância de trabalho ou algum acontecimento imediato.

Para compreender alguns processos políticos e situar a Acácia nas tramas deste cenário, foi entrevistado em 2004 com gravador e de forma bastante objetiva, Luciano (Secretaria de Desenvolvimento Econômico), responsável pela criação dos *Ecopontos* e pela coordenação de um novo grupo de catadores (as) que chegou a atuar nas imediações da Acácia de forma independente que se uniu a ela mais tarde, autodenominado (sem, no

entanto, ter obtido tal estatuto) “Nova Associação”, da qual entrevistei no mesmo ano Sandra, 31 anos. Com este mesmo intuito, estive presente por ocasião das comemorações dos aniversários da Acácia em 2003 e 2004, que contaram com a presença do Prefeito Edinho e outros agentes do poder público, dos quais foram registrados depoimentos breves e os discursos de comemoração.

No sentido de apreender um contexto mais amplo, no qual estão inscritas as lutas populares, participei de duas reuniões onde pude obter informações e conversar com catadores (as) de outras cidades: um Encontro Regional na cidade de São Carlos (2004), vizinha a Araraquara e um Encontro Local (2003) com catadores (as), além de encontros mais amplos, como o último Fórum Social Mundial (2005), no qual esses (as) trabalhadores (as) estiveram representados através do MNCR (Movimento Nacional de Catadores e Catadoras de Materiais Recicláveis). Mais recentemente, para compreender o processo de implantação do *Projeto Coleta Seletiva Solidária* em sua relação com a Acácia, estive em contato novamente com Vera (Coordenadora municipal do Meio Ambiente) e, pela primeira vez com Camila e Larte (Coordenadoria de Economia Social e Solidária) e Cyro (Superintendente do Daae).

Com base nos dados, informações e aprendizados obtidos no decorrer da elaboração da pesquisa de campo, paralelamente à sua análise sistemática, apresentamos esta Tese, que está constituída por 6 capítulos, encerrados por uma nota metodológica a respeito das reflexões e procedimentos teóricos neste campo, localizando o olhar da pesquisa na perspectiva das práticas cotidianas e simbólicas dos sujeitos na busca da compreensão e visibilização dos seus fazeres. Não perdendo de vista o diálogo com as dimensões estruturais, numa orientação metodológica fundamentada em entrevistas únicas e mais objetivadas, lançamos a idéia, no decorrer da investigação, de que através da compreensão do cruzamento das dimensões estruturais com os níveis simbólicos é que podemos reconhecer movimentos, muitas vezes sutis, dos sujeitos na direção de mudanças que alimentam as possibilidades de transformação social.

No *Primeiro Capítulo*, tratamos do resgate dos fatos ocorridos por ocasião do despejo dos (as) catadores (as), problematizando os impactos gerados de seus pontos de

vista: a ação implicou em experiências de insegurança e incerteza traduzidas como sofrimento e revolta. Estes sentimentos são responsáveis pela insistência em relação ao trabalho no lixão que se descreve, então, como local de elaboração de modos de vida que alicerçam memórias e práticas numa construção identitária de significados e sentidos de pertencimento. A ruptura com estes sentidos passam a ser o principal desafio rumo à elaboração associativa, que exige novos padrões e referências de trabalho e vida.

O *Segundo Capítulo* traz o exercício desta abordagem do objeto de pesquisa através da narração das incursões iniciais em campo: as relações travadas entre pesquisadora e os sujeitos no trajeto deste trabalho, sedimentadas como diretriz metodológica numa primeira etapa da pesquisa, garantiram aprendizados mútuos e trouxeram à tona as vozes destas pessoas classificadas como excluídas. A partir das falas das primeiras três mulheres - *as mães de todos* - que, com seus companheiros e filhos, formaram a chamada vila dentro do espaço de depósito de lixo e ali se conheceram, viveram e mantiveram o sustento da família por cinco anos, entre idas e vindas inscritas nos movimentos das vidas, entramos em contato com os seus significados do lixão - fonte de sustento, alternativa de vida, findadas outras possibilidades. Nesse sentido podemos compreender 'o lixão como um tempo bom', maneira com a qual está presente nas falas e memórias.

O *terceiro capítulo* traz inicialmente uma descrição da Associação Acácia em relação à organização do trabalho a pontuar fazeres e conflitos a impulsionar, por sua vez, evasões num movimento de retorno à atividade da catação no aterro. Em meio a essa discussão, apontamos para a questão das gerações mais novas em referência às suas perspectivas em relação ao futuro traçado nesse campo de transição. O capítulo se encerra com a narração etnográfica do meu retorno ao campo de pesquisa e ao encontro com um novo contexto. Nesse momento consta uma retomada dos processos que compuseram os primeiros anos da Associação - marcados por protagonismos numa relação pautada na tutela - em suas disputas diante de fatos novos a revelarem suas relações internas e com o Poder Público. As falas pontuam os (as) trabalhadores diante da transição lixão-Acácia, descrevendo meandros e movimentos em dinâmica de avanços e recuos num elaborar da busca por um lugar social.

No *Capítulo Quatro* realizamos a contextualização e apontamos o teor dessa busca de um novo lugar social muito elaborada com base em protagonismos dimensionados no

capítulo anterior, num descompasso entre os ritmos internos das práticas de amadurecimento de um sentido coletivo e externos de implementações de ações políticas que vão lançar a Associação a um novo espaço institucional. Essa busca se realiza nas tramas de um contexto mais amplo de luta apresentado no *Capítulo Cinco*: neste momento situamos as experiências dos atores no exercício de formação associativa no contexto das problemáticas estruturais em relação ao meio ambiente e à disposição de lixo, por um lado e, por outro, no contexto das discussões a respeito das políticas voltadas ao tratamento da questão das múltiplas exclusões realizadas no registro da pobreza. Apontamos para o fato de que os diversos direcionamentos políticos atuais ocorrem no sentido da idéia de autonomia em detrimento da noção de assistência fundamentados num discurso social e político reformista que aposta nas iniciativas solidárias para o equacionamento da miséria e desigualdades estruturais. Neste cenário mesclam-se diversas iniciativas e movimentos sociais, como o MNCR, que se dispõe como caminhos e trilhas rumo à ultrapassagem de situações de precariedade do trabalho e das vidas a partir da retomada da organização e do auto-reconhecimento no resgate da auto-estima elaborada através do engajamento, via para a prática da conscientização. No contraponto, jogamos à perspectiva crítica tais iniciativas tendo em vista toda a discussão elaborada no decorrer da pesquisa.



Capítulo um

Capítulo um

Contextos: para compreender a questão

1. Movimentos: retorno aos fatos e experiências captadas

Quando partiu muito atrás e volta a disparar, a humilhação é flecha que acerta cedo e fundo a personalidade. Machuca o humilhado depois de já haver machucado seus ascendentes, sua família, sua classe, às vezes um povo inteiro. Nunca é meramente a dor de um indivíduo, porque a dor é nele a dor já dividida entre ele e seus irmãos de destino...

Fernando Braga Costa

Em março de 1994, 10 famílias - cerca de 50 pessoas adultas e 10 crianças entre cinco e onze anos de idade - que trabalhavam na catação e moravam no antigo lixão do município de Araraquara, cidade que compõe a rica região citricultora e canavieira do País, foram despejadas do local por determinação do poder público, através da Secretaria de Promoção Social. A ação, ensaiada em momentos políticos anteriores, foi impulsionada por interesses pontuais e se realizou em resposta a denúncias veiculadas pelo principal telejornal da região que se seguiram a partir de uma exposição de fotografias³⁰, em mesmo tom, ressaltando os (as) trabalhadores (as) em situação de precariedade em todos os sentidos (moradia, trabalho, saúde) organizada pelo então formado Comitê Local de Ação Pela Cidadania Contra a Fome, a Miséria e pela Vida³¹. Os argumentos políticos fundamentaram-se, assim, na crítica da precariedade do trabalho, das condições das moradias, dos modos de vida no lixão.

O realojamento das pessoas foi realizado em caráter emergencial, sem critérios específicos e com pouca atenção aos ritmos e organização das vidas: cerca de oito famílias

³⁰ A imagem que choca como denúncia que, em nome da boa causa, invade e expõe, agride. Essa pessoas estiveram e estão no foco e enquadramento equivocados de muitas lentes - o teor do olhar que mostra, mas vitimiza:

"Em 1984, eu visitei o lixão enquanto era um dos coordenadores da pastoral da juventude naquela época em Araraquara (...) e eu vim aqui fazer uma visita junto com outros jovens que participavam com a gente na época, pra gente ver que em Araraquara nós tínhamos um problema gravíssimo e a gente fez um documentário na época muito bonito com fotos e apresentamos numa conferência com padres, freiras, lideranças, lá no salão da Santa Cruz e 400 pessoas daqui da cidade não sabiam que isso existia". (Edinho, com gravador, trecho do discurso realizado por ocasião do 3º aniversário da Acácia, novembro de 2004)

³¹ Comitê ligado ao **Projeto Ação da Cidadania** (www.acaodacidadania.org.br). As fotografias e as notícias referidas constam em Adametes, 1999.

(somando 35 pessoas) ficaram alojadas, sobrevivendo de múltiplas iniciativas de caráter solidário, em uma creche pública desativada que contava apenas com umas poucas camas, no bairro Santana, localizado distante do lixão e muitos (as) outros (as) trabalhadores (as) voltaram a acampar nas proximidades deste, improvisando barracos de plástico e madeira a fim de retomar o trabalho, como já referimos. Esta situação de improviso permaneceu por cerca de dois anos, reforçando sentimentos de insegurança e incerteza inscritas na ruptura de um ordenamento que dá sentido às vivências, aos quais couberam ações assistenciais. Sua estadia nesta antiga creche denominada *Luz do Mundo* foi o momento em que este caráter assistencialista das políticas locais ficou mais evidente em seus movimentos: pudemos perceber a dinâmica da formação de redes de auxílio envolvendo poder público, associações de bairro e organizações religiosas e beneficentes, exercitadas como tradição. (Adametes, 1999)

O desmantelamento das suas condições de sobrevivência e de seus modos de vida provocado por estas situações gerou sofrimento e inadaptação por longo período, marcando ainda mais os sentidos de exclusão aos quais estiveram lançados (as) em sua trajetória³² e fez com que o problema se escancarasse e se estendesse exigindo atenção para além das soluções temporárias geradoras da dependência e do imobilismo que silenciam e apagam as potencialidades dos sujeitos. Naquele momento, tornava-se necessário, em primeira instância, reconhecer a identidade do (a) catador (a) como trabalhador (a), sua capacidade e autonomia ainda que de forma precarizada, para prover sustento e, acima de tudo, de reconhecer sua existência social:

(...) o não reconhecimento do outro como sujeito de interesses, aspirações e razões válidas significa uma forma de sociabilidade que não se completa, porque regida por uma lógica de anulação do outro como identidade. Esse é um tipo de sociabilidade que não constrói a alteridade (...) é isso que neutraliza a dimensão moral inscrita nas relações sociais (...). (Telles, 2001, p.65)

³² Não somente no registro da pobreza, da esfera do econômico vetado: nos referimos a uma grande maioria de mulheres negras, chefes de família, com pouco ou nenhuma formação escolar, ex-trabalhadoras rurais e catadoras de lixo.

Somente em 1996, somados os esforços da Associação do bairro Santana no sentido de deslocar 'aquela população' das proximidades aos esforços do poder público de dar alguma resposta ou solução para o caso, foram construídas cinco casas em um terreno da prefeitura no bairro Parque Residencial São Paulo, vizinho ao depósito de lixo, no qual a maioria dos (as) catadores (as) já havia residido e onde permanece até hoje - para quem está nas casas, não há nenhuma garantia legal. Nestas casas, de três cômodos cada uma, que consistiam em paredes, telhado e chão de terra batida, foram viver as famílias que estavam na creche, mas o acesso ao trabalho no lixão estava negado, o que alimentou constantes conflitos. Mesmo que algumas pessoas, preponderantemente as mulheres porque, segundo Lena, "*é quem segura o rojão*" -, tenham buscado trabalho nas fazendas de cana ou laranja, em nenhum momento deixou-se a catação no lixão e muitos embates foram travados entre (os) trabalhadores (as) e vigias responsáveis pelo cerceamento da atividade e isolamento do local. É importante ressaltar que houve uma forte pressão e colaboração (foram organizados bingos e iniciativas do tipo para arrecadar dinheiro) por parte dos moradores do bairro Santana no sentido de 'resolver' a situação dos (as) catadores (as) que, de acordo com alguns depoimentos, "*(...) andavam sujos (as), descalços (as), bêbados (as), esmolando pela vizinhança*", gerando medo pela potencial ameaça que representavam:

Eu sei que essa gente, coitada, tá numa situação muito difícil, entendemos isso, mas ali dentro tem de tudo, tem gente boa, honesta, mães de família, mas tem também gente que não presta, mal encarada, mulher à toa, que fica andando por aí, entendeu? Então essa situação tem que ser resolvida e nós aqui do bairro vamos ajudar no que for preciso pra ajudar esses que merecem, né? (D. Marta, moradora, caderno de campo, novembro, 1995)

A atitude prolongada de negação dos seus modos de vida e de trabalho e as situações descritas, a partir daí geradas, revelaram questões e experiências ocultadas sob a recorrente prática política vertical orientada por perspectivas monolíticas da pobreza, voltadas para a assistência: precariedade do trabalho, insalubridade, descaso com o meio ambiente, discriminações de *gênero* (Scott, 1990) e etnia apontam no horizonte de uma paisagem desenhada nas contradições da denominada "Califórnia Brasileira".

Ao evidenciar estas experiências narradas, em contraponto, pelos próprios sujeitos considerados *descartáveis*³³ em diversos momentos de sua trajetória, pudemos apontar para uma opaca compreensão da temática da pobreza responsável pela manutenção de diversos mecanismos produtores de estigmas, negações, distanciamentos, apartação, enfim, de quebras de vínculos e coesão sociais, por parte do poder público e dos atores que formaram *redes de ajuda circunstanciais*. Sem moradia e sem acesso ao trabalho, com as vidas em suspenso diante da falta de outra perspectiva, a reação da maioria dos (as) catadores (as) ao despejo foi retornar ao lixão, cercado e vigiado, geralmente à noite (muitos que estavam na creche caminhavam até o local, por cerca de duas horas) e catar clandestinamente, driblar a vigilância, *dar continuidade* à vida a partir da *afirmação da catação como trabalho* inscrito por capacidades e organização adquiridas através de longa prática: 20, 25 anos para as gerações mais antigas³⁴:

Tem gente que acha que nós ficava lá no meio do lixo porque gostava, mas não é, é um trabalho. É claro que é um trabalho, e ainda acham que não é... A gente levava aquilo como um ofício igual a outros, trabalho era o dia todo, era sério, viu menina! Ai no final do dia a gente reunia e comia uma coisa, não do lixo, às vez bebia uma pinga, eu bebia um pouco só, pra amortecer a vida, que a gente tava cansado de corpo e de cabeça... (D. Lurdes, caderno de campo, em sua casa, outubro, 1997)

Pra catar, separar o lixo tem que saber, não é qualquer um, tem material tudo divididinho por tipo: os sopro [garrafas plásticas de refrigerante - PET], vários tipos de vidro, alumínio, papel de muitos tipos também... Tem que saber e ter prática. (D. Rosalina, caderno de campo, em sua casa, maio, 2004)

³³ Esta expressão, utilizada por Nerfin em 1986 referente aos (as) trabalhadores (as) expulsos do mercado de trabalho por conta das reestruturações produtivas, reaparece no cenário atual com o mesmo sentido de indicar a *redundância* (Rodríguez, 2002) de milhares de pessoas no sistema produtivo contemporâneo, altamente mecanizado.

³⁴ No lixão há múltiplos arranjos: há pessoas que ali moraram em períodos alternados e períodos mais prolongados (é o caso em questão) e há pessoas que catam somente em determinados momentos, revezando a atividade com alguma outra. Há quem venha de outras cidades vizinhas catar e que acabe acampando por uma semana ou duas no local. A intermitência e heterogeneidade são as maiores marcas deste universo.

Essa *experiência* de insistir na catação, o que significa de seus pontos de vista resistir e estar em *confronto* com uma situação estabelecida pela lei, está presente em todos os relatos que revelam a recorrência da questão ao longo dos anos e surge antes de ser indagada, muitas vezes inaugurando a conversa. Vivenciadas intensamente, por um lado, como agressão e injustiça, as situações de embate deixaram marcas no sentido em que reforçaram repisadas humilhações inscritas em anteriores tentativas de cerceamento do trabalho no lixão que é ilegal, apresenta-se sob condições insalubres e precárias, fatos reconhecidos como problemas antigos. Por outro lado, as *resistências* desenvolvidas em reação aparecem nas falas caracterizadas também como *luta* por um espaço compreendido como *lugar* simbolicamente carregado de significados presentes na produção de discursos, na tecitura dos sentimentos, dos desejos e conflitos, na elaboração das *identidades*; uma luta por afirmação de uma existência não reconhecida publicamente:

Um grupo não se contenta em manifestar que sofre, em indignar-se e protestar na hora. Resiste com todas as forças de suas tradições, e essa resistência não permanece sem efeito. Procura e tenta encontrar seu equilíbrio antigo sob novas condições. (Halbwachs, 1990, p.137)

As falas a seguir são lembranças dos “primeiros tempos” (sempre referidos como “bons tempos”) do lixão que descrevem movimento e práticas de coerção-resistência que persistiram até recentemente. A primeira narrativa faz referência à descoberta do local como um espaço de fartura de *material*, inscrito nas percepções destes (as) trabalhadores (as) como algo inextinguível: o lixão como espaço onde sempre haverá trabalho. A frase “*O lixo não vai acabar nunca*” pronunciada pela maioria dos sujeitos em questão foi captada em diversos momentos desta pesquisa:

“A gente continuava ali, firme”³⁵

- E quando a senhora pensou que ia trabalhar no lixo, não é, D. Lurdes...

Pois é, quando eu ia pensar... É o destino, o destino...

- Mas o que levou a senhora até o lixão, como foi?

Aquilo ali eu e meu marido, na época a gente tinha uma carroça, trabalhava na fazenda, cortando capim, ia pra cidade catar papelão... Aí um dia a gente viu um caminhão ali em cima [aponta na direção do lixão] e viu que tava despejando bastante papelão. Aí eu disse pro meu marido, e a gente foi pedir pros motorista pra catar, aí eles disse: ó, nós não manda nada aqui, vai estragar tudo mesmo, quer catar, cata. Aí nós ficamos aquele dia inteiro ali, fizemos umas seis viagem até a cidade, aí foi. Aí começou a chegar outros carroceiros, que seguia a gente... Mas nós fomos os primeiro lá do lixão. (...) O povo via a gente fazendo muita viagem, aí aquilo ali começou a chegar carro, Kombi, caminhonete, e encheu pra mais de cem pessoas! Na época do Massafera [ex-prefeito, década de 80]

- Eles seguiam?

Viam que a gente fazia muita viagem de papel, alumínio, de primeiro tinha muito, tanta coisa! A gente só tinha uma carroça. Aí apareceu a polícia. Eles apareceram. O caminhão jogava o lixo e eles jogava terra por cima, e pegava os saco que a gente catava e punha fogo.

- Por que a senhora acha que eles faziam isso?

Malvadeza, malvadeza! Mas nós ali, a gente continuava ali, firme, e saía correndo, mas o caminhão chegava e a gente não dava sossego, ia catar, até que eles liberaram... Mas ficou quase dois mês assim, foi difícil pra eles liberar...

(D. Lurdes, caderno de campo, em sua casa, 1996)

³⁵ A utilização de títulos e subtítulos retirados das próprias falas, a inaugurar os trechos das entrevistas foi inspirada em Bourdieu (1997): “Nós nos esforçamos para transmitir ao leitor os meios para lançar sobre as declarações que vai ler o olhar que dá razão, que restitui ao pesquisado sua razão de ser e sua necessidade; ou, mais precisamente, de se situar no ponto do espaço social a partir do qual são tomadas todas as vistas do pesquisado sobre esse espaço, isto é, neste lugar onde sua visão do mundo se torna evidente, necessária (...)” (p.712)

“Aquele tempo que era bom, que lá era só a gente”

(...) sabe, quando começou lá a gente, eles não deixavam.

- A Prefeitura? Mas isso há 20 anos atrás?

Ô! Eles não deixavam não, foi um terereco pra deixar, mas cê vê que o povo é duro, né, aí o povo abriu lá, ia abrindo as cerca e eles liberou, liberou, aí até que fizeram uma colônia lá... [refere-se a uma pequena vila de moradores formada no lixão].
Aquele tempo que era bom, que lá era só a gente.

(D. Maria, 63 anos, relato sobre os (as) primeiros (as) catadores do lixão, registrado em gravador, setembro de 2003)

Os momentos de *conquista* evidenciados pela expressão *liberou*, realizados diante dos recuos das ações de combate por parte dos órgãos responsáveis pelo local - nos últimos 15 anos empresas terceirizadas de limpeza pública - organizam-se nas memórias³⁶ como períodos de independência e autonomia no sentido de administração da própria vida não submetida a regras ‘vindas de fora’ (constituídas pelos mecanismos sociais burocratizados) como horários, condutas, padrões:

(...) a memória é elemento de coesão interna, constituinte do sentimento de identidade tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si. (Pollak, 1992, p.204)

A ameaça a essas conquistas dispara resistências revividas: as narrativas da opressão elaboram-se enfáticas como *uma constante* e às primeiras experiências de agressão, nos idos de 1980, se unem as posteriores, por ocasião do fechamento do lixão, ocupando lugar central nas lembranças e na constituição da vida, reforçando mecanismos vivenciados coletivamente como injustiça, humilhação, indignação e violência:

³⁶ Compreendido como fenômeno construído, o trabalho da memória (mesmo no nível individual) é indissociável da organização social da vida e da elaboração identitária: a memória é, nessa medida, fator de enraizamento - idéia presente em Bosi (1994), Hawlbachs (1990), Pollak (1989).

Injustiça

“Eles não prestam, aquele povo”

Eles ainda joga lixo, mas pra você ver, a Josélia [empresa de limpeza pública terceirizada] trabalhou muito tempo lá tocando a usina³⁷, era bom, tudo que sobrava lá eles mandava pra nós catar. A prefeitura também, sobrava e deixava pra nós, agora só a Construfert que, você viu? Cercou tudo, você viu como tá aquilo ali? Cercou tudo e tem guarda pra tudo que é lado e o alumínio que sobra do lixo vai tudo pra lá, menina. Nós tava entrando escondido lá, um dia tava faltando as coisas em casa, eu falei: ah, vou lá, que a molecada fez um buraco na tela [cerca] e tava entrando lá, eu peguei catei, eu e uma colega minha aí, catamos vinte saco de alumínio.(...) Ah, o guarda não foi com um caminhãozinho lá e não catou tudo os saco com alumínio e levou lá pra dentro de novo? Pegou de nós e levou de volta, eles não prestam aquele povo, eles não devia de estar ali, não devia de estar. (D. Lurdes, gravador, em sua casa, outubro, 1997)

Humilhação

“A gente se sentia que nem um ladrão”

(...) naquela época [refere-se a 1994] a gente ia, não adiantava, ia de noite que o guarda ficava longe e aí a gente chegava por dentro, pelo canavial³⁸, rasgava a cerca, aquela cerca ali do fundo que cê viu tanto furada! Eles consertava, a gente rompia de novo. Aí catava rapidinho, escondia as carroça na cana e ia embora. De manhã bem cedinho mesmo a gente ia buscar. Se o guarda pegava, tinha que devolver tudo, todo o trabalho que a gente teve na noite, dava confusão que a gente não queria devolver não! Já corri muito de guarda ali, até parece que era um ladrão, a gente se sentia que nem um ladrão. (Sr. Antônio, caderno de campo, Acácia, 2004)

³⁷ Refere-se a uma usina de triagem manual do lixo a respeito da qual falamos adiante.

³⁸ O lixão localiza-se entre um extenso canavial, e uma vicinal paralela à auto-estrada que liga Araraquara a Américo Brasiliense, que nos leva, por atalhos, ao bairro Parque Residencial São Paulo. É por esta vicinal que os (as) trabalhadores (as) chegam, a pé ou de carroça ao local.

Indignação (que também impulsiona a coragem)

“Eu disse, olhando bem no olho dele, que o material era meu”

Um dia [refere-se a 1996] o guarda veio e eu pensei: não vou entregar não. No que ele veio se aproximando eu também fui me garantindo com um pedaço de pau na mão. Tava decidido que eu ia falar de igual pra igual. Daí ele chegou e falou pra eu deixar tudo ali e eu disse, olhando bem no olho dele que não ia deixar, que o material era meu. Ele fez cara de quem vinha pra cima e eu pensei: que venha! E eu falei de homem pra homem: “num vou botar, ou o senhor me mata, ou vai ter que me liberar”. Não deixei escolha pro sujeito. Mas daí acho que ele percebeu que eu dali não saía não e ficou parado. Eu peguei a carroça e, tremendo de raiva, me enfiei no meio da cana. [há vários caminhos em meio ao canavial que dão acesso ao bairro Parque São Paulo] (Sr. Antônio, caderno de campo, Acácia, 2004)

Violência

“Naquela época era uma tramóia”

Um dia lá que eu corri, naquela época era uma tramóia [refere-se ao ano de 1996], caí lá, quase que eu me matei, os caras correu atrás de nós, aí nós saímos tudo correndo, eu caí, caí lá em cima num monte de terra aí machuquei o joelho. O investigador [refere-se ao vigia] correu atrás de nós, também foi só um dia que eu corri, depois outra hora que eles veio, eu falei: vou ficar aqui, eu não vou correr não, devo nada pra ninguém não; aí eles não fez nada comigo, eles bateram nos caras né, que tava lá no aterro. (...) Igual meu menino, uma vez meu menino ele tava lá na árvore, que ele acabava de catar as coisas e os guarda vinha e ficava numa árvore, que nós sempre ficou lá, né, mas esse dia eu não tava, eu tava em casa, aí esse dia ficou os meninos lá, os meninos correu e meu menino ficou, ficou e apanhou, aí bateram no meu menino, mas eu falei “é bom pra você aprender que quando ver os outros correr tem que correr também, não é pra esperar não”, aí bateram no meu menino, ele ficou todo machucado... (D. Rosilda, gravador, em sua casa, agosto, 2004)

Impressas nas memórias, estas vivências constroem um sentido de grupo, de solidariedade entre os (as) catadores (as) que vai funcionar em determinados momentos para fortalecer as atitudes e identidades e delinear o que significa ser catador (a) de lixo sob a carga social que essa condição carrega: sua imagem de si está elaborada de afirmações positivas a respeito de seu trabalho, sua dignidade enquanto trabalhador (a), enquanto pai ou mãe de família, mas também se absorve dos estigmas e classificações atribuídos negativamente: “*Esta fratura entre si e o que se exige de si é característica da situação do indivíduo estigmatizado*”. (Xiberras, 1993, p.139) Neste jogo são reforçadas impossibilidades, encerram-se caminhos, paralisam-se oportunidades de pensar projetos mais amplos na direção do rompimento com a condição de exclusão assim tramada, mas também se manifestam forças e desejos capazes de serem potencializados. A questão nesta balança é para onde lançar o peso, a importância.

2. O lixão: sentidos de pertencimento

A importância de pensar a vida cotidiana está em pensar pela sutura, pela rejunção, vislumbrando uma totalidade: a vida, sabendo-a incerta e imprecisa.

Gustavo de Castro

O lixão ao qual estamos nos referindo existe há pelo menos 30 anos, segundo um documento de 1971 localizado no arquivo do Departamento de Vigilância Sanitária do município e consta como um *aterro controlado* (embora só tenha consistido, até bem recentemente, em um depósito de lixo aterrado) para o entorno do lixo urbano que hoje, segundo dados do município, recebe 4,5 mil toneladas/mês de resíduos domiciliares das cidades de Araraquara - responsável por 120 toneladas por dia, incluindo o lixo hospitalar³⁹ -, Américo Brasiliense e Santa Lúcia, que pagam 44 reais por tonelada pela disposição no aterro. A administração do local passou por várias mãos, mas em geral esteve ligada às empresas terceirizadas responsáveis pela limpeza pública do município, algumas das quais já citadas em depoimentos anteriores - *Josélia, Construfert* (por ocasião do despejo), *Leão*

³⁹ O Brasil produz 228.413 toneladas/dia de lixo (PNSB, 2000): restos orgânicos biodegradáveis ou compostáveis atingem de 65 a 70% do total; recicláveis compõem em torno de 25 a 30% - apenas 5% se caracteriza como rejeito. Destino final: 71,5% dos 8.381 distritos pesquisados através da PNSB 2000 ainda recorrem a vazadouros a céu aberto, os denominados lixões. (Abreu, 2001)

Ambiental (que atualmente realiza a coleta domiciliar e hospitalar e a manutenção das ruas). Em outros momentos a própria Prefeitura esteve responsável pelo local, período referido pelos (as) catadores (as) como ‘o tempo da Prefeitura’; no início de 2002, a gestão é assumida pelo Daae:

A diferença entre aterro sanitário e controlado, segundo dados técnicos, é que o sanitário tem impermeabilização do solo. Esse aterro nosso, ele conta há alguns anos com drenagem de chorume [líquido que se desprende do lixo] e drenagem de gás, dissipação de gases, que estamos fazendo desde que assumimos, o que faz dele um aterro controlado, inclusive a nota nossa, que foi divulgada pela Cetesb agora foi 9.1, o mínimo é 6. Ele só não tem condições de virar um aterro sanitário porque tá sendo colocado resíduo lá há mais de 30 anos e você não tem mais como impermeabilizar mais ele embaixo (...) Pelos monitoramentos que nós fizemos do lençol freático, não apresenta sinais de contaminação, porque ali é um solo argiloso, quer dizer, acabou se escolhendo um local na cidade, sem querer, não havia técnica pra se pensar em um aterro sanitário naquela época, mas sem querer, o local é apropriado pra esse tipo de empreendimento. (Cyro, Superintendente do Daae, dezembro, 2005)

Em relação aos limites de sua capacidade, Cyro nos informa, ainda, que o aterro suporta mais dois anos de uso e que realizou um acordo com a Cetesb para “(...) fazer mais um patamar, depois disso, a área contígua já foi decretada de utilidade pública, onde a gente pretende fazer outro aterro, esse aí lógico, pra ser um aterro sanitário” e no que diz respeito ao lixo hospitalar, afirma: “(...) o Daae construiu com tecnologia própria dele um incinerador novo, o que tinha lá anteriormente era um forno, aquilo lá foi condenado e foi desativado em 2002”.

Em uma área interna do espaço destinado ao aterro dos resíduos foi construída, há cerca de vinte anos, uma estrutura de Usina⁴⁰ de separação de material reutilizável e

⁴⁰ “As usinas formam um complexo industrial de tratamento que visa basicamente à recuperação de materiais para a reciclagem (...) Opera-se distintamente na separação de materiais para reciclagem e na decomposição de matéria orgânica, para ser usada como condicionador do solo (um tipo de adubo)”. (Eigenheer; Sertã, s/d)

compostagem do material orgânico, com uma esteira para *triagem* manual de lixo (separação do material por grupos tecnicamente determinados) com capacidade para 10 postos de trabalho, *atual estrutura utilizada pela Acácia:*

Aquela esteira é de 1986, 87, mais ou menos, era uma usina de compostagem, só que falar em fazer composto no Brasil, assim é a maior bobagem porque o material chega lá todo misturado, então você não tem condição de separar só matéria orgânica para ser misturada e peneirada, tem muita impureza junta, o que faz com que o composto fique com péssima qualidade. Esse tipo de usina foi vendido muito no Brasil, devido a um lobe que fizeram junto ao BNDS, mas não funciona. Então nós desativamos a parte que faz composto e só estamos triando o lixo pra tirar material reciclável. (Cyro, dezembro, 2004)

A esteira eu recordo sim que está lá, a Usina lembro que começou antes que eu ia no lixão, porque eu comecei catar já vai pra 25 anos, mas eu já ia lá antes, que eu morava perto, então eu recordo disso de bem antes, a gente antiga aqui lembra, num lembra D. Lurdes? [D. Lurdes confirma.] (D. Divina, caderno de campo, Acácia, 2003)

A Usina passa a funcionar regularmente a partir de 1993 sob a administração da empresa *Josélia* e, mais tarde, em 1995 é assumida, junto com a gestão do lixão, pela empresa *Construfert* que dá continuidade à seleção de material, procurando incorporar uma parte dos (as) catadores (as) que foram afastados (as) do depósito em 1994, esbarrando em uma série de ‘inaptações’ por parte destes e estranhamentos recíprocos, o que tornou mais prática a contratação de trabalhadores (as) com outras trajetórias:

O problema é que a natureza do pessoal do lixão não é de disciplina, de horário, entendeu? Nada contra, mas se eles não se adaptam ao ritmo de trabalho aqui da usina, temos que contratar outras pessoas. (Marcos, então técnico da empresa Construfert, março, 1997)

Apesar de alguns (as) ex-catadores (as)⁴¹ terem recorrido ao trabalhado na Usina, mas em momentos e postos de trabalho diferentes, em função das dificuldades encontradas no lixão, geradas por sua vez, por ações mais enfáticas de cerceamento que, como já expusemos, aconteciam de forma inconstante, a idéia de que *no lixão era (é) melhor* marca até hoje as falas da maioria das pessoas que estiveram habituadas à catação:

Eu fui lá trabalhar na usina, porque lá no lixo tava difícil, muito guarda e o povo lá abriu vaga. Trabalhei na Josélia, na Construfert que era ruim lá, aquela usina já trabalhei muito. Depois saí, saí que no lixão liberou e é melhor o trabalho". (D. Lurdes, caderno de campo, 2003)

Este argumento de preferência ao lixão se relaciona diretamente à mudança de concepção de trabalho impressa num outro tipo de organização que exige mudanças nas relações com a atividade, mudanças de ritmo que vão significar mudanças de comportamento a imprimir transformações nos compassos das vidas. Ao mesmo tempo, as diferenças entre a atividade da catação no lixão e na Usina se inserem no campo das discussões entre *trabalho formal* (controlado/reconhecido/formalizado) e *trabalho informal* (autônomo/não-reconhecido/irregular) no qual a atividade no lixão se insere, correspondendo usualmente à farra, vagabundagem, desorganização, como demonstra a percepção da ex-vereadora Deodata à frente, na época, da Secretaria de Promoção Social, responsável pela remoção, no seguinte trecho de entrevista realizada em 1997:

“Lá era farra”

(...)

- D. Lurdes falou que estava trabalhando na cana, na lavoura...

*Pois é, eles estão começando a procurar trabalho diversificado*⁴².

- Mas eles não gostam...

⁴¹ Algumas pessoas já haviam trabalhado ali intermitentemente desde os ‘tempos da Josélia’, como D. Lurdes (aposentada atualmente), D. Divina, D. Maria, D. Rosalina, Seu Antônio e Marcão, atualmente associados à Acácia.

⁴² Esta fala indica o desconhecimento do fato de que a grande maioria dos (as) trabalhadores (as) em questão revesaram constantemente a atividade da catação com a atividade rural ou alguma outra informal.

(...) Porque lá [lixão] era fácil e era farrá: “Achei!” Sabe, entendeu? Tinha aquela coisa da surpresa, coisa que eles achavam diferente: “Isso é meu, ninguém me tira...”

- Alguns foram trabalhar lá na usina de reciclagem...

Foram, uns não se adaptaram.

- Mas o trabalho deles era diferente no lixão...

Era porque eles achavam muito mais fácil pegar... Um pouquinho que dava, quando comprava comida estava bom, quando não dava, comprava tudo em pinga, então era uma coisa que não dava, eu estava sempre em cima, orientando (...).

Como contraponto a este olhar pude perceber, com base em observação etnográfica e em relatos dos (as) trabalhadores (as), a cadência do trabalho no lixão que nos informa sobre as dissonâncias com o trabalho na usina, possibilitando a compreensão das lógicas que regem muitos dos argumentos por eles utilizados para justificar suas resistências. Observei pessoas trabalhando no lixão até fevereiro de 2005, última vez que estive ali:

O Daae que paga a vigilância - agora não entra mais ninguém. Tem vigilância armada e a orientação é pra não deixar entrar, Tem a cerca, inclusive essa semana retrasada andaram furando o alambrado e tudo, a empresa de vigilância vai ter que ressarcir porque não é pra deixar entrar em hipótese alguma, não pode. Ou eles vão pra Acácia, é que às vezes tem conflito entre eles e eles preferem ficar do lado de fora, mas eles não estão entrando mais, no aterro nosso controlado eles não entram”. (Cyro, dezembro, 2005)

*A atividade no lixão se organiza (ou se organizava) pelos horários e fluxos das chegadas dos caminhões de coleta nos últimos períodos do dia, que demarcam a qualidade do lixo em relação à presença de *material reciclável*: das áreas mais centrais da cidade, chegam ao local quantidades maiores de alumínio e PET além de roupas e diversos objetos que são reaproveitados e até revendidos pelos (as) trabalhadores (as). Das mais periféricas, o orgânico, papel branco e embalagens de plástico são mais comuns e do centro comercial o*

destaque é o papelão, terceiro material com maior valor agregado para revenda (1º e 2º materiais em valor agregado)⁴³.

Logo que descarregado, *quando não é imediatamente aterrado*, o lixo contido nos caminhões, cerca de dez toneladas por veículo, forma agregados para onde vão os (as) trabalhadores (as): é importante demarcar que em muitos momentos (presenciei o fato por duas vezes) o lixo despejado não foi aterrado - função realizada, sob a responsabilidade do órgão gestor, por outro tipo máquina - por conta da presença dos (as) catadores (as), que rapidamente se reuniram em torno dos dejetos para fazer frente à máquina que, então, regredia. Esses momentos caracterizam os períodos em que os (as) trabalhadores (as) afirmam que o lixão 'foi liberado'; em outros momentos, o lixo foi despejado à noite pelos caminhões de coleta para ser aterrado pela manhã e a catação acontecia, até bem recentemente, na madrugada. Esses últimos são os momentos aos quais se referem Seu Antônio, D. Rosilda e D. Lurdes, nas páginas anteriores, como ilustra também o depoimento a seguir:

Lá em cima a gente tinha que respeitar os guardas e catar quando eles não tavam lá: eu saía às 4 da manhã, era muito corrido e me sentia como se fosse uma ladra, como se tivesse roubando aquilo que eles enterram! A gente catava e escondia no meio da cana antes de amanhecer e saía por ali mesmo. [Refere-se à época do despejo, 1994 e, que os embates entre catadores (as) e guardas foram acirrados] (D. Rosalina, ex-catadora do lixão, trabalha na Acácia, caderno de campo, em sua casa, maio, 2004)

De volta à descrição da atividade da catação no lixão, observei que a maioria dos (as) catadores (as) trabalhava sozinha *seleccionando e abrindo* os sacos, *separando* por 4 grandes categorias (papel, alumínio, PET e vidro) e *preparando* (limpando, acondicionando) o material. Há formação de grupos nos quais os (as) trabalhadores (as) dividem essas *etapas do trabalho*: para cada tarefa relacionada a determinada etapa há um procedimento e cada catador (as) conhece todo o processo de trabalho. Na etapa da *seleção*, os saquinhos que contêm o material são, antes de abertos, verificados habilmente com o

⁴³ CEMPRE, 2005.

badame, uma espécie de arame mais longo ou vara de madeira com que se percebe, através da prática, pela textura e som, o que se pode encontrar: evita-se, assim, o contato com qualquer material indesejável:

*No lixão era mais aberto, não tinha que mexer em todos os sacos de lixo era só bater com o arame e já sabia o que tinha dentro, se interessava, abria, na usina tem que mexer em tudo... De tudo passa ali, na usina eles ficam quanto tempo ali, com a cara bem perto e o lixo passando? Então!*⁴⁴ (Lena, caderno de campo, novembro, 1995)

A quantidade de recicláveis coletados por dia, bem como sua negociação e venda dependem das necessidades e das condições em geral extremamente precárias de cada trabalhador (a) - como a impossibilidade de transporte do material - que vão definir as relações com os compradores denominados *atravessadores*, agentes intermediários que repassam o material, explorando ao máximo essa situação de dependência e obtendo parcelas injustas de lucro (1kg de PET é vendido na Acácia por R\$ 0,60 para o atravessador que o revende por R\$ 3,50)⁴⁵ para as empresas de reciclagem responsáveis pelo processamento e transformação do material a ser recolocado no mercado com o valor acrescido em até 500% (Magera, 2005), dado indicativo dos níveis de exploração a que estão submetidos os (as) catadores (as).

A preferência pelo lixão em detrimento da chamada *Usina* na qual, como veremos adiante, o retorno financeiro nem sempre foi maior desde a criação da Acácia e onde permanecem as relações de exploração em relação à *cadeia produtiva do lixo* controlada atualmente pelas grandes empresas de reciclagem no país, acrescidas pela exploração dos acelerados ritmos de produção, prossegue na lógica da *autonomia do processo de trabalho*. A idéia central nesse sentido é que o processo da catação no lixão é realizado em sua totalidade pelo (a) catador (a): ritmos, métodos, frequência, bem como a própria relação

⁴⁴ Este e os próximos depoimentos referem-se ao trabalho na esteira: local onde o lixo bruto é descarregado (ainda nos sacos) e passa pelas pessoas que realizam, de pé, a triagem rápida do material. Na ponta inicial da esteira duas pessoas se encarregam de abrir os saquinhos e despejar na *mesa* o conteúdo a ser separado.

⁴⁵ Dados referentes a fevereiro de 2005, obtido em entrevista realizada com Anderson, então secretário da Acácia, realizada na mesma data.

com o lixo - fatores que sugerem *liberdade* em detrimento da organização e divisão do trabalho na Usina, que segue o modelo de linha de produção que inclui movimentos repetitivos, enquadramento da atenção e dos corpos à cadência da esteira:

Já pensou, nós trabalhar lá na Construfert pra ganhar duzentos mil real por mês? [duzentos reais] Eles falava que vinha hora extra mas não vinha nada. Trabalhava que nem um condenado pra não ganhar nada. Lá eles não aceita atestado, fica em pé o dia inteiro, o lixo vai passando, bicho morto, as coisa e tem que separar com os braço rapidinho, dá dor nos braço. Sai de lá que não agüentei, era muito ruim o trabalho e não ganhava nada. Na época da prefeitura e da Josélia era bom, tinha cesta básica, era melhor, agora esses aí... (D. Lurdes, que trabalhou para a Construfert durante 7 meses, caderno de campo, outubro, 1996)

Lá no lixão nem nunca fiquei ruim, é só ter força. Aqui é verdade que cansa mais, ficar de pé o dia todo, lá a gente descansava mais... (D. Tina, ex-catadora, 51 anos, na usina, sob contrato da Construfert, caderno de campo, outubro, 1996)

Ali na usina, quem já tava doente piorou, é serviço pesado, serviço de homem ali, eu tenho problema de varizes, pra ficar de pé ali, pra mim não dava. Muita gente foi, ficou três meses, ficou doente, com dor de cabeça, pegou o atestado e foi embora, não agüentaram. O pessoal que vai catar no rejeito, a saúde vai e fala que faz mal... Faz mal é não ter comida..." (Lena, caderno de campo, novembro, 1995)

É importante destacar o fato de que em todos os depoimentos acima, ao afirmarem o lixão como um lugar onde as condições de trabalho são *melhores* em relação à atividade na usina, numa clara defesa e reforço de um modo de vida construído ao longo de muitos anos, um dos principais argumentos recai na questão da saúde⁴⁶ em resposta à principal justificativa que o poder público local utilizou para realizar o despejo. Com exceção da hipertensão, um dos problemas mais recorrentes entre os (as) catadores (as) pesquisados

⁴⁶ Compreendida como "(...) um processo dinâmico inscrito no corpo, na pessoa, nas condições de vida, nos acontecimentos, nas dores, no prazer e no sofrimento; processo que se relaciona com a história individual e com a história coletiva". (ISIS, 1991)

(as), declarado como algo “normal”, quando questionamos a respeito das manchas no corpo, dores de cabeça e barriga (em geral ocasionadas pela ingestão de alimentos do depósito), tanto em referência à época em que viviam no lixão como na Associação, a *boa saúde* é sempre ressaltada como motivo de orgulho.

Podemos refletir, nesse sentido: o que não é claramente visível (em relação principalmente à hipertensão), muitas vezes não é ‘lembrado’⁴⁷, ou é (re) interpretado em função de múltiplas situações, o que nos permite um outro olhar sobre o campo de definições da saúde que se expandem adiante de sua utópica expressão fundada no ‘pleno bem-estar físico, mental e social’ proferida pela OMS (Organização Mundial de Saúde). Para D. Divina, as fronteiras entre a saúde e doença foram delimitadas pelos ritmos de vida impressos pela trajetória realizada de trabalho pesado, braçal, sem as garantias:

No médico eu só vou se eu cair assim de cama, mas que eu não consigo levantar de nenhum jeito, aí eu penso, chego fico preocupada, que tô doente. No restante, sempre trabalhei, se tô andando, tô trabalhando porque nós na roça é acostumado, ganha a produção ou o dia e no lixo é a mesma coisa, se não trabalha, entende filha? (D. Divina, caderno de campo, agosto, 2004)

O fato de ser corrente entre catadores (as) de lixões a céu aberto a negação da insalubridade de sua atividade tanto no que se refere ao *contato* quanto à *ingestão* de alimentos retirados do lixo (Adametes, 1999; Juncá, 1995 e 2000; Moura, 1989; Rodríguez, 2000) também constitui um outro elemento na elaboração de argumentos fortes a estruturar as resistências que esses (as) trabalhadores (as) travam na época diante da ameaça de serem impedidos de trabalhar no depósito: “*A gente tá acostumado, mas você, se comer, é capaz de passar mal*”. (D. Mara, caderno de campo, na Acácia, 2003)⁴⁸; “*Esses filhos meus, tudo grande, criado, cresceu tudo no lixo, comendo daqui*”. (D. Maria, caderno de campo, na Acácia, 2002). Em relação ao contato físico com o lixo, os argumentos seguem na mesma

⁴⁷ Azevedo (1995); Moura (1989) apontaram concepções similares em pesquisas de campo com catadores de Goiás e Bahia.

⁴⁸ No dia deste depoimento, os (as) catadores (as), já associados (as) à Acácia, haviam localizado um carregamento recém descartado no lixão de carne congelada não inspecionada, sem data de validade. A grande maioria dos (as) trabalhadores (as) separou peças para levar para casa, inclusive D. Mara que, quando sugeri que aquele alimento poderia lhe fazer mal, logo utilizou o argumento citado.